



INSTITUTO BRASILEIRO DE INFORMAÇÃO EM CIÊNCIA E TECNOLOGIA (IBICT)
UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO DE JANEIRO (UFRJ)
ESCOLA DE COMUNICAÇÃO (ECO)
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM CIÊNCIA DA INFORMAÇÃO (PPGCI)

GABRIEL JOSÉ TEIXEIRA DA SILVA

ESTEREÓTIPOS E SEGREGAÇÃO DE GÊNERO NA OPÇÃO POR C&T:
pesquisa com estudantes do ensino médio do Colégio Pedro II

Dissertação de mestrado
Abril de 2021



GABRIEL JOSÉ TEIXEIRA DA SILVA

ESTEREÓTIPOS E SEGREGAÇÃO DE GÊNERO NA OPÇÃO POR C&T:
pesquisa com estudantes do ensino médio do Colégio Pedro II

Defesa de mestrado apresentada ao Programa de Pós-graduação em Ciência da Informação do convênio do Instituto Brasileiro de Informação em Ciência e Tecnologia e a Universidade Federal do Rio de Janeiro, como requisito parcial à obtenção de título de mestre em Ciência da Informação.

Orientadora: Profa. Dra. Gilda Olinto de Oliveira

Coorientadora: Profa. Dra. Patrícia Mallmann Souto Pereira

Rio de Janeiro

2021

GABRIEL JOSÉ TEIXEIRA DA SILVA

ESTEREÓTIPOS E SEGREGAÇÃO DE GÊNERO NA OPÇÃO POR C&T:
pesquisa com estudantes do ensino médio do Colégio Pedro II

Defesa de mestrado apresentada ao Programa de Pós-graduação em Ciência da Informação do convênio do Instituto Brasileiro de Informação em Ciência e Tecnologia e a Universidade Federal do Rio de Janeiro, como requisito parcial à obtenção de título de mestre em Ciência da Informação.

Rio de Janeiro, 15 de abril de 2021.

Profa. Dra. Gilda Olinto de Oliveira – Instituto Brasileiro de Informação em Ciência e Tecnologia
Orientadora

Profa. Dra. Patrícia Mallmann S. P. – Universidade Federal do Rio de Janeiro
Coorientadora

Profa. Dra. Camila Carneiro Dias Rigolin – Universidade Federal de São Carlos
Membro externo

Prof. Dr. Ricardo Medeiros Pimenta – Instituto Brasileiro de Informação em Ciência e Tecnologia
Membro interno

Profa. Dra. Luana Farias Sales Marques – Instituto Brasileiro de Informação em Ciência e Tecnologia
Membro suplente

Catálogo na fonte

T266 Teixeira, Gabriel

Estereótipos e segregação de gênero na opção por C&T: pesquisa com estudantes do ensino médio do colégio Pedro II. / Gabriel Teixeira. – Rio de Janeiro, 2021.

90 f.

Dissertação (Mestrado em Ciência da Informação) – Universidade Federal do Rio de Janeiro, Instituto Brasileiro de Informação em Ciência e Tecnologia, Rio de Janeiro, 2021.

Orientadora: Professora Doutora Gilda Olinto de Oliveira

Coorientadora: Professora Doutora Patrícia Mallmann S. P.

1. Gênero. 2. Capital cultural. 3. Autoestima. 4. Estereótipos de gênero. 5. Gênero e escolha de carreiras. 6. Colégio Pedro II. I. Título. II. Olinto, Gilda. III. Mallmann, Patrícia.

Elaborada pelo autor

Aos jovens para que transgridam tudo aquilo que é imposição, inquisição e não identificação.

À minha irmã Anelize, que mesmo tendo optado desde cedo pela Enfermagem, sofre diariamente com os mecanismos de segregação de gênero, mesmo como heroína da linha de frente na época da pandemia.

AGRADECIMENTOS

Agradeço imensamente a mim mesmo por não ter desistido da vida acadêmica, por ter tido coragem de encarar essa empreitada até o fim. Em alguns momentos, no ano de 2020, flertei com o limite das minhas forças e quase sucumbi. A lista de pessoas que virá a seguir constitui uma rede de apoio essencial que contribuiu para que eu suportasse esse período, mas sem meu esforço de vencer a inércia e a melancolia essa pesquisa teria sido apenas uma ideia.

Aos meus pais, Maria e Nivaldo, por todo apoio, carinho e confiança ao longo desses anos. Obrigado por tudo mais uma vez. Certamente lerão e sabem do que me refiro.

Agradeço especialmente à minha mãe, Maria Doceliria, por me ensinar as multiplicidades do que é **ser** e as limitações do que é **ter**. Sejamos e não tenhamos!

À minha irmã Anelize, pelo apoio, confiança e paciência de todas as horas.

À Katia Regina, meu porto seguro, muito mais que uma amiga ou “Fada Madrinha”, que me ensinou lições preciosas para lidar com todos os desafios que vierem.

Às mulheres da minha família, principalmente minhas avós Gentil (in memoriam) e Maria Alexandrina (in memoriam). Mulheres lutadoras que precisaram vencer o ódio, a autoridade, a segregação e a fúria de um sistema opressor, perverso e desigual. Guerreiras!

Às minhas amigas de vida Rosi, Brisa, Juliana, Tainá, Patrícia, Luci, Cristina, Lidiane, Cristiana, Natália, Gabriela, Liandra, Gisele, Thais e Manu. Todas elas inspiram, todas elas batalham e todas elas descontrolam e enfrentam diariamente a masculinidade tóxica e degradante alastrada na sociedade capitalista e patriarcal.

Ao meu grupo de apoio, Keison e Gabe, sem esses irmãos que vida me deu eu não seria nada. Estamos juntos no combate à lgbtphobia e violências de gênero. É muito difícil!

Ao Thiago, por todas as coisas que não caberiam aqui. Por me suportar, por me amar incondicionalmente, por comprar minhas brigas e por aceitar dividir a vida comigo.

Aos meus queridos amigos da turma de 2019 do curso de mestrado em Ciência da Informação. Vocês foram os verdadeiros gigantes que me apoie para chegar até aqui.

Aos professores do PPGCI IBICT/ECO-UFRJ, por toda troca de conhecimento, debates intensos e construção de uma ciência mais aberta, mais expansiva e mais libertadora. Em especial à Professora Regina Marteleto por todos os conselhos e ensinamentos.

À minha orientadora Gilda Olinto – com quem aprendi a ponderar meus pensamentos, a compreender um conceito e suas nuances e a equilibrar uma pesquisa – e à minha coorientadora Patrícia Mallmann – com quem aprendi questões valiosas sobre metodologia e vida. Obrigado por acreditarem em mim.



RESUMO

A dissertação tem como tema gênero, contexto cultural e psicossocial e opção por carreiras de ciência e tecnologia (C&T). O trabalho está inserido no Projeto “Diferenças de gênero na opção por ciência e tecnologia: permanências e mudanças na escola básica” do IBICT. Parte das questões: Gênero está relacionado com hábitos culturais, estereótipos e autoestima? Gênero está relacionado com sentimentos e comportamentos em relação às disciplinas humanas e exatas? Gênero está relacionado com as escolhas profissionais? Tem como objetivo geral analisar as influências de gênero e do ambiente cultural nas escolhas profissionais de jovens do ensino médio. Fundamenta-se em duas correntes teóricas, a primeira: gênero e capital cultural, para compreender em que medida gênero está ligado aos hábitos culturais e demais características socioculturais dos indivíduos; a segunda: gênero e autoestima, para entender de que modo aspectos psicossociais estão relacionados a gênero e impactam na autoestima em relação às disciplinas das áreas humanas e exatas. O campo empírico desta pesquisa é o ensino médio do campus Centro do Colégio Pedro II, que conta com 12 turmas. A população levantada foi de 285 respondentes, abrangendo 73,3% da população alvo. Adota uma abordagem quantitativa para coleta e análise de dados, utilizando a técnica questionário e o software estatístico SPSS como instrumento de análise de dados. Os resultados das análises em relação a gênero e cultura apontam que o gênero feminino tende a frequentar mais ambientes culturais considerados eruditos como teatro, livrarias e museus. Os dados em relação a gênero e autoestima sugerem que há forte relação entre gênero e autoavaliação de capacidade para as áreas exatas: o gênero feminino tende a se sentir menos capaz para essas disciplinas. Os resultados sobre gênero e carreiras profissões revelam desinteresse de jovens pelas áreas de C&T em geral, mas se segmentados por gênero, o desinteresse é muito maior por parte do gênero feminino. Pode-se concluir, pelos dados analisados, a forte transmissão e internalização de estereótipos de gênero, o que tende a influenciar na não escolha de carreiras de C&T por parte das meninas, contribuindo para a sub-representação de gênero em C&T, caracterizando a atuação da segregação horizontal de gênero nesta fase escolar.

Palavras-chave: Gênero. Capital cultural. Autoestima. Estereótipos de gênero. Gênero e escolha de carreiras. Colégio Pedro II.

ABSTRACT

The dissertation has as its theme gender, cultural and psychosocial context and option for careers in science and technology (S&T). The work is inserted in the Project "Gender differences in the option for science and technology: permanence and changes in basic school" of IBICT. Some of the questions: Is gender related to cultural habits, stereotypes and self-esteem? Is gender related to feelings and behaviors towards humanities and exact subjects? Is gender related to career choices? The general objective of the dissertation is to analyze the influences of gender and the cultural environment on the professional choices of high school youngsters. It is based on two theoretical currents, the first: gender and cultural capital, to understand to what extent gender is linked to cultural habits and other sociocultural aspects of individuals; the second: gender and self-esteem, to understand how psychosocial aspects are related to gender and impact on self-esteem in relation to the disciplines of humanities and exact areas. The empirical field of this research is the high school of the Centro campus of Colégio Pedro II, which has 12 classes. The surveyed population was 285 respondents, comprising 73.3% of the target population. It adopts a quantitative approach for data collection and analysis, using the questionnaire technique and SPSS statistical software as a tool for data analyses. The results of the analyses focusing on gender and culture point out that the female gender tends to frequent more cultural environments considered erudite, such as theater, bookstores and museums, than the male gender. The data on gender and self-esteem suggest that there is a strong relationship between gender and self-assessment of ability in exact areas: females tend to feel less capable in these disciplines. The results on gender and careers reveal a lack of interest by young people in S&T fields in general, but if segmented by gender, the lack of interest is greater among females. It can be concluded from the data analyzed, the strong transmission and internalization of gender stereotypes by the high school girl which influencing the non-choice of S&T careers, contributing to the maintenance of mechanisms of horizontal segregation in this school phase.

Keywords: Gender. Cultural capital. Self-esteem. Gender stereotypes. Gender and career choice. Colégio Pedro II.

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

Figura 1	Fachada do campus Centro do Colégio Pedro II.....	43
Figura 2	Salão Nobre do campus Centro do Colégio Pedro II.....	44
Gráfico 1	Gênero de estudantes do campus Centro do Colégio Pedro II.....	47
Gráfico 2	Renda familiar de estudantes do campus Centro do Colégio Pedro II.....	47
Gráfico 3	Raça/ cor de estudantes do Campus Centro do Colégio Pedro II.....	48
Gráfico 4	Faixa etária de estudantes do EM do campus Centro do Colégio Pedro II.....	49
Quadro 1	Dados da população alvo de estudantes do EM do campus Centro do CPII....	53
Gráfico 5	População alvo e população levantada por gênero de estudantes do EM do campus Centro do CPII.....	55
Gráfico 6	Autoavaliação da capacidade nas disciplinas de Português, Matemática, Física e Sociologia de estudantes do EM do campus Centro do CPII.....	65

LISTA DE TABELAS

Tabela 1	População alvo e população levantada por turma do EM do campus Centro do CPII.....	54
Tabela 2	População alvo e população levantada por gênero de estudantes do EM do campus Centro do CPII.....	54
Tabela 3	Frequência em lavar a louça segundo gênero de estudantes do EM do campus Centro do CPII.....	57
Tabela 4	Frequência em preparar comida segundo gênero de estudantes do EM do campus Centro do CPII.....	57
Tabela 5	Frequência em limpar a casa segundo gênero de estudantes do EM do campus Centro do CPII.....	58
Tabela 6	Frequência em lavar a roupa segundo gênero de estudantes do EM do campus Centro do CPII.....	59
Tabela 7	Frequência em cinema segundo gênero de estudantes do EM do campus Centro do CPII.....	60
Tabela 8	Frequência em shows segundo gênero de estudantes do EM do campus Centro do CPII.....	61
Tabela 9	Frequência em teatro segundo gênero de estudantes do EM do campus Centro do CPII.....	62
Tabela 10	Frequência em museu segundo gênero de estudantes do EM do campus Centro do CPII.....	63
Tabela 11	Frequência em livraria segundo gênero de estudantes do EM do campus Centro do CPII.....	64
Tabela 12	Avaliação da capacidade na disciplina de Português segundo gênero de estudantes do EM do campus Centro do CPII.....	66
Tabela 13	Avaliação da capacidade na disciplina de Sociologia segundo gênero de estudantes do EM do campus Centro do CPII.....	67
Tabela 14	Avaliação da capacidade na disciplina de Matemática segundo gênero de estudantes do EM do campus Centro do CPII.....	67
Tabela 15	Avaliação da capacidade na disciplina de Física segundo gênero de estudantes do EM do campus Centro do CPII.....	68

Tabela 16	Jovens que ouviram que a profissão que escolheram não é adequada segundo gênero de estudantes do EM do campus Centro do CPII.....	69
Tabela 17	Jovens que pensaram em alguma carreira profissional segundo gênero de estudantes do EM do campus Centro do CPII.....	70
Tabela 18	Categorias profissionais pensadas pelos estudantes segundo gênero de estudantes do EM do campus Centro do CPII.....	71

LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

CAPES	Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior
CEPDA	Comissão de Elaboração do Plano de Dados Abertos
C&T	Ciência & Tecnologia
CPII	Colégio Pedro II
EM	Ensino Médio
EUA	Estados Unidos da América
FAPERJ	Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado do Rio de Janeiro
FGV	Fundação Getulio Vargas
INEP	Instituto Nacional de Estudos e Pesquisa Educacionais INEP,
LAI	Lei de Acesso Aberto
LGBT	Lésbicas, Gays, Bissexuais e Transgênero
MIT	Instituto de Tecnologia de Massachusetts
MPB	Música Popular Brasileira
NR	Não Respondeu
OCDE	Organização para a Cooperação e Desenvolvimento Econômico
ONU	Organização das Nações Unidas
PIBIC	Programa Institucional de Bolsas de Iniciação Científica
PNAD	Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios
PQ	Bolsas de Produtividade em Pesquisa
PROEJA	Ensino Médio Profissionalizante de Jovens e Adultos
SPSS	Statistical Package for Social Sciences
STEM	Ciências, Tecnologia, Engenharia e Matemática
UFRJ	Universidade Federal do Rio de Janeiro
UNESCO	Organização das Nações Unidas para a Educação, a Ciência e a Cultura

SUMÁRIO

1	INTRODUÇÃO	15
2	GÊNERO: UM PASSO ANTERIOR	19
3	GÊNERO E CAPITAL CULTURAL	23
4	GÊNERO E AUTOESTIMA	27
4.1	ESTEREÓTIPOS DE GÊNERO.....	27
4.2	ATIVACÃO DE SENTIMENTOS, COMPORTAMENTO E AUTOESTIMA.....	31
4.3	MECANISMOS DE SEGREGAÇÃO.....	33
4.3.1	Segregação horizontal e segregação vertical	34
4.3.2	Universalismos e particularismos	39
	CARACTERÍSTICAS DO CAMPO EMPÍRICO: DADOS DO CAMPUS	
5	CENTRO DO COLÉGIO PEDRO II	43
6	PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS	50
6.1	LEVANTAMENTO DOS DADOS.....	52
7	ANÁLISES DOS DADOS	56
7.1	GÊNERO E AMBIENTE CULTURAL	56
7.1.1	Atividades de rotinas e cuidados com a casa	56
7.1.2	Atividades de lazer não ligadas a cultura erudita	59
7.1.3	Atividades de lazer ligadas a cultura erudita	61
7.2	GÊNERO E AUTOESTIMA	64
7.3	GÊNERO E ESCOLHA DE CARREIRAS PROFISSIONAIS	69
8	CONSIDERAÇÕES FINAIS	73
	REFERÊNCIAS	77
	ANEXO A – QUESTIONÁRIO	81
	ANEXO B – CATEGORIZAÇÃO DAS PRODISSÕES	86

1 INTRODUÇÃO

[...] o gênero é uma espécie de imitação persistente, que passa como real. (BUTLER, 2020).

O mundo social é um espaço plural marcado por desigualdades, sejam elas econômicas, sociais ou culturais. Alguns grupos nesse espaço tendem a apresentar desvantagens sociais mais fortes e persistentes, como grupos étnicos, raciais e de gênero, considerados minorias sociais, devido às dificuldades que enfrentam para ingressar em determinadas profissões e galgar posições de maior prestígio, notadamente no ambiente científico, onde essas posições são ocupadas majoritariamente por homens brancos, como apontam Joan Scott Long e Mary Fox (1995) em estudos sobre a presença de raça e gênero na ciência. Indivíduos oriundos de determinados grupos étnicos, raciais e de gênero possuem aspectos socioculturais próprios, que podem impactar nas escolhas e oportunidades na vida de cada um. A existência de estereótipos em relação ao gênero feminino, que é o foco desta pesquisa, impacta em comportamentos de gênero, o que tende a desenvolver traços socioculturais que contribuem para a reprodução das desigualdades.

As desigualdades de gênero são reproduzidas por mecanismos de segregação sexual que ocorrem desde o nascimento dos indivíduos e os acompanham ao longo da vida, e podem provocar sentimentos e comportamentos que induzem a escolhas importantes nesse caminho, como a carreira profissional que decidirão seguir. A literatura aponta, por exemplo, que a baixa autoestima de meninas em relação às disciplinas de matemática e física podem impactar na escolha de carreiras nas áreas das ciências exatas, como as engenharias. Existem séries de estudos empíricos recentes, como os de Endendijk *et al.* (2013) e de Schuster e Martiny (2017), que sugerem que desde os primeiros anos de idade de um indivíduo são a ela ou ele incorporadas noções estereotipadas sobre papéis de gênero e comportamentos socialmente aceitos. A família tende a transferir essas noções, mas é na escola que elas se manifestam com efetividade e podem refletir na autoestima e em outros aspectos psicológicos e sociais dos jovens, resultando em sentimento em relação às disciplinas escolares e consequente impacto nas escolhas profissionais. A reprodução desses mecanismos de segregação sexual, pode ser compreendido como um dos problemas de gênero mais emergentes na atualidade.

Não é o foco desta pesquisa discutir ou abordar os diversos problemas de gênero, mas torna-se necessário explicar o conceito. Recorrer às categorias fundacionais de sexo e gênero configura-se como um processo crítico necessário para compreender a formação específica de estruturas de domínio e de poder, como sugere Foucault (1976) em seu tratado sobre a sexualidade. Nesse caso, é importante dar um passo anterior para explicar o que é gênero e as diferentes visões que cercam o conceito. Assim, serão utilizados dois autores chaves: Judith Butler e Pierre Bourdieu. Por um lado, Judith Butler (2020), em *Problemas de gênero*, adota, a partir de uma perspectiva pós-estruturalista e mais voltada para a busca da representatividade, uma visão mais social e performática e menos biológica dos indivíduos. Butler mais questiona do que afirma, mas conduz seu raciocínio para o tratamento de gênero a um termo passível de revisões mais exaustivas, abrangência de sentido e inserido em experiências e vivências socialmente experimentadas pelas pessoas. Já Pierre Bourdieu (1998), em *A dominação masculina*, apresenta gênero como uma categoria que, além de classificar e diferenciar os indivíduos na sociedade, revela esquemas sociais de exclusão das mulheres e posteriormente a sua dominação, a partir de rituais androcêntricos e a formulação dos primeiros estereótipos incorporados à cultura das pessoas sobre o que é feminino e o que é masculino. O possível diálogo entre estes teóricos será aprofundado na seção 2.1.

A seção 2.2 disserta sobre comportamentos de gênero, como aspectos do conceito de capital cultural de Pierre Bourdieu (1979), procurando compreender em que medida o gênero pode estar ligado com os hábitos culturais e os demais aspectos socioculturais dos indivíduos. O argumento é de que se gênero é um grupo que se constitui como as classes sociais se constituem, então os indivíduos inseridos em determinado grupo de gênero terão escolhas e comportamentos próprios, assim como as classes sociais. Esse argumento fundamenta-se na afirmação de Bourdieu (1984) em *A Distinção*, assim como de outros estudos, de que o comportamento social impõe esquemas categóricos que dividem os indivíduos em classes ou grupos que variam por grupos etários, grupos de gênero e grupos sociais. Dentro dos comportamentos dos grupos de gênero, observa-se a questão dos estereótipos que são inculcados em seus participantes e que podem ser definidos como capital cultural feminino ou masculino, conforme será visto em McCall (1992) e Olinto (1995).

A seção 3 centraliza-se em argumento psicossocial: considera a relação entre gênero e autoestima pelo viés, justamente, dos estereótipos de gênero como propriedades ativadoras de sentimentos que levam a comportamentos que impactam nas escolhas dos jovens, sobretudo na escola. A fundamentação dessa argumentação é baseada em estudos empíricos recentes realizados no exterior.

A pesquisa está inserida no Projeto “Diferenças de gênero na opção por ciência e tecnologia: permanências e mudanças na escola básica”, coordenado pela professora Gilda Olinto com a participação da professora Patrícia Mallmann. O projeto recebe apoio da Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado do Rio de Janeiro (FAPERJ), focalizando os problemas relacionados às baixas perspectivas de ingresso das mulheres nas carreiras de Ciência & Tecnologia (C&T). Parte-se da hipótese de que as escolhas profissionais de jovens no ensino médio são diferenciadas por gênero. Considera que jovens na fase de finalização do ensino básico, período cercado de atribuições escolares e marcado pelo início de grandes responsabilidades e incertezas com o futuro, desenvolvem tendências a escolher carreiras de acordo com o seu gênero. Nessa fase, observa-se um dos primeiros tipos de segregação sofridos por gênero: a segregação horizontal, relacionada à segmentação de escolhas profissionais pelo gênero de estudantes. Este trabalho de dissertação centraliza-se em analisar alguns dados do referido projeto para responder as seguintes questões de pesquisa: Gênero está relacionado com hábitos culturais, estereótipos e autoestima? Gênero está relacionado com sentimentos e comportamentos em relação às disciplinas humanas e exatas? Gênero está relacionado com a escolhas profissionais?

O objetivo geral desta pesquisa é analisar as influências de gênero no ambiente cultural e nas escolhas profissionais de jovens do ensino médio do campus Centro do Colégio Pedro II (CPII). Os objetivos específicos desta pesquisa são, no contexto da pesquisa neste ambiente escolar:

- a) identificar as relações existentes entre gênero e autoestima, referentes a habilidades em áreas acadêmicas;
- b) verificar a existência de relações entre gênero e ambiente cultural;
- c) descrever as relações entre gênero e escolha de carreiras profissionais.

A importância desta pesquisa está nos problemas relativos à questão de gênero enfrentados na sociedade, advindos dos estereótipos e processos de segregação impostos sistematicamente às mulheres em diferentes esferas. Estudos como este reforçam argumentos e dados a respeito de desigualdades existentes entre mulheres e homens, e contribuem para a elaboração de possíveis políticas públicas com informações sobre questões de gênero e incentivo de mulheres a carreiras de C&T no Brasil.

Tomando esta introdução um pouco como um guia de leitura, é necessário explicar algumas decisões do autor. Como já dito, não é foco desta pesquisa abordar todos os problemas

de gênero, mas as questões que envolvem sua relação com a opção por C&T; contudo, é necessário revisitar e examinar esse conceito. Esta pesquisa não trata sobre gênero e suas multiplicidades, embora deixe claro que existam multiplicidades legítimas, como será abordado na seção 2. O uso neste trabalho das expressões gênero “masculino” e “feminino” e dos termos “meninos” e “meninas” utilizados na análise dos dados é assumidamente uma abordagem binária e dicotômica, que desconsidera as diferentes posições que podem ser ocupadas em um grande espectro em que os indivíduos podem se posicionar fora dessa dicotomia feminino e masculino, frequentemente imposta pela sociedade.

Algumas abordagens, como a de Butler (2020), poderiam ser utilizadas para a adoção dos extremos binários – feminino e masculino –, pois segundo esta autora há todo um quadro de construções socioculturais que, por um lado, atua no sentido de repetição de performances sociais e que, por outro lado, rompe com a imposição de padrões e comportamentos igualmente sociais. Por exemplo, mulheres transexuais e homens transexuais constroem suas experiências dentro de um espectro de gênero com o qual se identificam e, mesmo que não se identifiquem completamente, ainda encontram algum tipo de proximidade – no caso das mulheres trans, com o gênero feminino e no caso dos homens trans, com o gênero masculino. Outro motivo que justifica o uso binário do termo, nesta pesquisa, é que os próprios alunos se posicionaram dessa forma. A pergunta no questionário aplicado foi aberta (“qual o seu gênero/ sexo?”). Entretanto, apenas três respondentes não utilizaram a classificação binária “masculino” e “feminino”.

Essa é uma tentativa de justificar a terminologia utilizada e ao mesmo tempo tentar dialogar com o máximo de jovens, em suas mais variadas identificações de gênero, que vierem a ler esta pesquisa. Em suma, as observações nesta introdução inspiram duas reflexões: a) entre um ponto a outro de um grande espectro de gênero, existe uma infinidade de possibilidades de identificações e representações; b) fica o alerta: gênero interpretado como categoria binária do sexo – um mundo só de eles e elas – pode fortalecer mecanismos de segregação de gênero.

Complementando a epígrafe que abre essa introdução, Butler (2020, p. 9) diz o seguinte: “A performance dela/dele desestabiliza as próprias distinções entre natural e artificial, profundidade e superfície, interno e externo – por meio das quais operam quase sempre os discursos sobre gênero.” As categorias de gênero aqui analisadas, a performance como feminino e masculino, não irão deixar de incluir e de criticar, mesmo que não seja o foco da pesquisa, um sistema que desprivilegia e segrega atores e suas performances sociais; vai tomar essa ideia como um gancho que reforça uma série de padrões que ditam o papel que cada ser desempenhará na sociedade.

2 GÊNERO: UM PASSO ANTERIOR

A reflexão sobre gênero nesta dissertação estará sustentada em dois argumentos. O primeiro é o argumento de Rafael de Tilio (2014) sobre a perspectiva essencialista e construtivista do gênero que faz ponte para o segundo argumento, o de Judith Butler (2020), sobre a performatividade de pessoas e a oposição entre sexo e gênero. Finaliza com as formulações de Bourdieu (1998) a respeito da dominação masculina como modo de validar e reforçar, na vida cotidiana, práticas essencialistas sobre gênero que atuam como mecanismos de segregação. Vale dizer que esse argumento de Butler (2020) será lembrado na seção sobre comportamento psicossocial de mulheres e homens. O argumento essencialista, apresenta o conceito de gênero fundamentado em questões essencialmente biológicas e físicas. O argumento voltado para uma visão construtivista representa uma evolução do conceito que foi examinado por pensamentos contemporâneos, inspirados pelas formulações teóricas do feminismo e dos problemas de gênero. A intenção desta seção não é definir o que é gênero, pois trata-se de um conceito aberto para reflexões, mas sim reunir um corpo teórico a respeito.

O argumento de Tilio (2014, p. 128) começa na seguinte citação:

[...] os corpos dos homens e mulheres, por serem natural, biológica e anatomicamente diferentes, resultam em características psicológicas, sociais e comportamentais diferenciadas. A diferença biológica dos sexos definiria rígidos papéis de gênero e de vivência da sexualidade.

Para o autor, esta seria a definição essencialista, por ele refutada. O essencialismo é definido pelo determinismo biológico, em que as características físicas difundidas desde o século XVI definem os papéis de mulheres e homens dentro da sociedade (TILIO, 2014). Nessa perspectiva, o sexo de nascimento definiria também o gênero de cada indivíduo como feminino ou masculino. É possível identificar dois problemas principais nessa visão: a atribuição de papéis segundo o sexo, que podem moldar os primeiros estereótipos de gênero, e a desconsideração de aspectos socioculturais na composição do gênero, justamente por atrelá-lo ao sexo, o que Tilio e Butler refutam fortemente. Tilio (2014, p. 128-129) aponta que na visão essencialista sobre gênero as características biológicas são disseminadas como determinantes, ou seja, guias para definição e atribuição de papéis sociais desempenhados por indivíduos, segundo os seguintes preceitos, e por esse motivo vale a pena destacar a seguinte passagem do estudo do autor:

os machos/homens, por possuírem biologicamente mais massa muscular que as mulheres, seriam os principais responsáveis pela caça e pelo sustento do lar; e das suas características físicas decorreriam características psicológicas, como maior capacidade de organização grupal (necessária para a caça, e depois para a ocupação do espaço público) e de dominação das fêmeas. Já as fêmeas/mulheres, possuidoras de características físicas específicas (menos fortes fisicamente do que os homens e responsáveis pela gestação biológica dos descendentes durante um extenso período), também teriam específicas características psicológicas, tais como a predisposição para o cuidado da prole e do parceiro que as sustenta.

O trecho acima sugere que características físicas-biológicas determinariam a divisão de funções e responsabilidades dentro do espaço social. Assim, indivíduos adotariam/incorporariam determinado capital funcional segundo o sexo biológico e isso os acompanharia durante toda a vida. Outro argumento, na raiz do conceito de gênero, diz respeito às ideias difundidas desde o séc. XVI, segundo as quais a mulher era o homem invertido, e por esse motivo menos capaz fisicamente e devendo ser responsável pelas tarefas de menor esforço e menos prestigiadas (LAQUEUR, 2001). Nessa definição binária, que inflama constantemente o conceito de gênero mesmo em formulações mais recentes, é possível observar a presença de caráter polarizado. Nesse sentido, as mulheres representariam o irrepresentável, como o inverso, a negação do homem (IRIGARAY, 1985). Antes de prosseguir, é importante mencionar que a reprodução de mecanismos de segregação – que serão discutidos mais à frente – adotam essas formulações essencialistas para apontar as mulheres como indivíduos menos capazes em decorrência das suas características físicas. Assim, Tilio (2014, p. 129) explicita o argumento essencialista, que refuta:

[...] dos sexos biológicos (macho/fêmea) decorreriam os gêneros (masculino/feminino) e seus papéis, numa relação de complementaridade sustentada pela necessidade de perpetuação da espécie humana. O imperativo reprodutivo impõe um modelo de relação de e entre os indivíduos no qual coexistiriam harmoniosamente dois sexos e dois gêneros.

No entanto, segundo Tilio, tal perspectiva começa a se desfazer assim que movimentos sociais, feministas e de gênero, e pensadoras, estudiosas e personalidades modernas e pós-modernas, durante todo um século de luta – destaca o séc. XX como principal palco dessa virada conceitual – começam a questionar e romper com essa barreira essencialmente biológica. Essa visão física, em que sexo e gênero seriam indissociáveis, passa a ser examinada e criticada duramente:

As teorias clássicas/modernas de gênero deixam entrever que gênero e suas relações são construções sobre a diferença sexual biológica (sexo), e durante muito tempo elas organizaram a compreensão sobre sexo (diferença biológica), sexualidade (vivência do sexo) e gênero (expressão de adequação entre sexo e sexualidade) (TILIO, 2014, p. 135).

Uma das principais referências, precursora fundamental para essa virada conceitual de gênero, é Judith Butler. Segundo ela, estrutura-se uma ruptura com a visão estruturalista, segundo a qual, sexo define gênero. Para Butler (2020), gênero não é um efeito do sexo, porém é o sexo que estabelece as relações de poder sobre o gênero. Pensamento chave para a lógica dos mecanismos de segregação, Butler rejeita a visão simplista de gênero diretamente ligado ao sexo de nascimento de indivíduos, pois essa visão é sustenta das estruturas de domínio de poder. Como diria Monique Wittig (1981): “A categoria do sexo é a categoria política que funda a sociedade heterossexual.”. Para Butler (2020), a identificação e a composição político-social de indivíduos (no caso o sexo) está condicionada a mecanismos de legitimação de pessoas e de exclusão de pessoas. Logo, quem performa em um papel diferente do que lhe foi certificado ao nascer, é segregado (BUTLER, 2020).

Butler (2020) constrói parte da sua análise para confrontar a distinção entre sexo e gênero a fim oferecer uma ruptura necessária com a cadeia de pensamento essencialista no domínio dos espaços de poder. Questionar as determinações biológicas para vida das pessoas é, segundo a autora, afirmar que “[...] o gênero é culturalmente construído: conseqüentemente, não é nem o resultado casual do sexo nem tampouco tão aparentemente fixo quanto o sexo.” (BUTLER, 2020, p. 25-26). Gênero então estaria diretamente ligado a um somatório de elementos presentes na trajetória e na vivência dos indivíduos: “Levada a seu limite lógico, a distinção sexo/gênero sugere uma descontinuidade radical entre corpos sexuados e gêneros culturalmente construídos.” (BUTLER, 2020, p. 26). A ruptura é dada quando a noção unívoca de sexo é desfeita e gênero passa a ser interpretado como uma construção independente do sexo e com base em elementos socioculturais, ou seja, quando gênero para de ser limitado ao sexo e adota uma perspectiva múltipla (BUTLER, 2020). Portanto, gênero não deve ser observado como algo contido ou dependente do sexo de nascimento.

Outro ponto importante a ser considerado na ruptura histórico-conceitual sobre gênero é a associação à questão da performatividade. Butler (2020) aponta que gênero é uma imitação persistente realizada pelos indivíduos e que possui um caráter internacional com objetivo de construir significados. Nesse sentido, a performatividade ajudaria a reforçar a atribuição de papéis de gênero por um viés essencialista, por meio de um conjunto de características e comportamentos observados, adquiridos e interiorizados a partir das relações entre atores

sociais dentro do ambiente cultural. A performatividade caminha na esfera da repetição de gestos até a atribuição de significados; por um lado pode ser vista como potencializadora para a construção de estereótipos – viés essencialista sobre gênero – e por outro, para explicar a construção social do “ser” a partir das relações estabelecidas e vivências no ambiente cultural. A autora reforça sua visão a respeito de gênero com o seguinte comentário: “Como fenômeno inconstante e contextual, o gênero não denota um ser substantivo, mas um ponto relativo de convergência entre conjuntos específicos de relações, cultural e historicamente convergentes.” (BUTLER, 2020, p. 32). Por tanto, gênero é também uma performance que leva em consideração o contexto relacional dentro de ambientes culturais, tanto para o reforço de papéis de gênero, quanto para a construção de uma identidade.

Outro ângulo de análise da cultura contemporânea em relação a gênero vem consolidar a observação de práticas de reprodução de mecanismos de segregação de gênero que adotam primariamente categorias essencialistas voltadas para o sexo de indivíduos. Em *A Dominação Masculina*, Bourdieu (1998), afirma que os espaços sociais estão organizados de acordo com uma visão androcêntrica, ou seja, uma visão essencialmente sexista, conservadora e masculinista. É o que Butler (2020) chama de sociedade falocêntrica, organizada ao redor dos atributos de força ligados ao sexo de nascimento. Bourdieu (1998) aponta que a dominação do masculino sobre o feminino se inscreve na incorporação do *habitus* de cada ator social no ambiente sociocultural em que vive e se forma. Na seção a seguir, a noção de *habitus* será mais bem explicada. Cada indivíduo incorpora uma série de características categorizadas pelo espaço social de dominação – o mundo androcêntrico – de acordo com o gênero – aqui visto de modo essencialista. Para Bourdieu (1998), a exclusão arbitrária do feminino encontra respaldo nas principais intuições por onde transitam os indivíduos ao longo da vida, em especial a família e a escola, e possível forte valor simbólico por serem manifestadas, por vezes, de modo implícito.

Esta seção ensaia a aproximação, ou melhor, possível relação conceitual, entre dois autores importantes para compreensão do mundo social no que diz respeito a interiorização de comportamentos, significados e vivências como elementos que constituem o indivíduo. Mesmo pesquisando e construindo – e desconstruindo – os pensamentos em áreas distintas com objetos específicos, compartilham a percepção de que a jornada dos sujeitos é composta pelo ambiente que ele nasce, vive, integra e interage. Judith Butler preocupa-se com a questão dos aprendizados persistentes e Pierre Bourdieu concentra-se na questão do *habitus*, mas ambos convergindo para interiorização dos insumos obtidos no mundo social. Entre esses insumos encontram-se as questões de gênero que serão aprofundadas nas próximas seções.

3 GÊNERO E CAPITAL CULTURAL

A princípio, esta seção teórica propõe-se trabalhar uma aproximação entre o conceito de capital cultural e o de gênero. Argumenta-se que se gênero é um grupo que se constitui como as classes sociais se constituem, logo os indivíduos do grupo de gênero terão escolhas e comportamentos próprios. Este argumento fundamenta-se na seguinte afirmação de Bourdieu (1984, p. 468): “O conhecimento prático do mundo social que é pressuposto pelo comportamento 'razoável' dentro dele implementa esquemas [...] de percepção e apreciação que são o produto da divisão objetiva em classes (grupos etários, gênero, classes sociais) [...]” Busca-se compreender essa relação por meio das formulações de Pierre Bourdieu acerca da gênese dos grupos e do estado interiorizado do capital cultural. Acredita-se que a relação estabelecida entre questões socioculturais e gênero tendem a impactar nas escolhas de jovens por carreira a partir do fortalecimento de estereótipos. Os parágrafos abaixo expõem a aproximação entre gênero e cultura pelos insumos na literatura Bourdieusiana – que é o cerne dessa investida teórica. O motivo pelo qual o conceito de gênero será trabalhado dentro desta seção é sua forte ligação a aspectos socioculturais presentes na origem e incorporação de indivíduos.

Inicialmente, parte-se da criação, gênese ou configuração dos grupos existentes na sociedade pela concepção de espaço social proposta por Pierre Bourdieu. Apresentar de que modo e sob quais princípios os grupos sociais se formam é importante para compreender as características que estes possuem. Define-se o espaço social como estrutura de posições diversificadas onde “[...] cada posição real pode ser definida em termos de um sistema multidimensional de coordenadas cujos valores correspondem aos valores das diferentes variáveis pertinentes.” (BOURDIEU, 1985, p. 1). Nesta perspectiva, o espaço social consiste em uma representação multidimensional do mundo e estrutura-se sobre os princípios de diferenciação e distribuição, que vão determinar o espaço que os indivíduos ocupam dentro da sociedade e de quais grupos fazem parte, isso de acordo com suas particularidades (características) e detenção de capital (BOURDIEU, 1985). Capital na teoria Bourdieusiana refere-se a poder, logo quem possui mais capital detém maior poder, obtém maiores privilégios e pertence a determinado grupo ou classe. Trabalhar capital nesta seção favorece na compreensão de mecanismos de reprodução de desigualdades, como os que atuam para as disparidades entre mulheres e homens no grupo de gênero que será tratado mais adiante.

Bourdieu (1985, p. 1) destaca os principais tipos de capitais que dinamizam o mundo social: o econômico, o social, o cultural e o simbólico:

[...] a posição de um determinado agente no espaço social pode assim ser definida pelas posições que este ocupa nos diferentes domínios, ou seja, na distribuição dos poderes ativos dentro de cada um deles. Estes são, principalmente, o capital económico (nos seus diferentes tipos), o capital cultural e o capital social, bem como o capital simbólico, vulgarmente designado por prestígio, reputação, notoriedade, etc., que é a forma sob a qual as diferentes formas de capital são percebidas e reconhecidas como legítimas.

Em resumo, a constituição dos grupos no espaço social pelos critérios (princípios) de aproximação e afastamento e detenção de poder (capital) são responsáveis por agruparem os agentes de forma arbitrária dentro de um ambiente comum às suas características. Para compreender melhor tais questões discorre-se sobre um dos estados do capital cultural, que é considerado por Bourdieu como uma das principais ferramentas que definem e permitem a observação de desigualdades na sociedade e por esse motivo será utilizado nesta seção.

Segundo Bourdieu (1979), o capital cultural é um conceito que contribui para definir desigualdades no mundo social. Esse conceito possibilita apontar o modo como a cultura tende a influenciar questões referentes à vida dos indivíduos enquanto agentes sociais. Bourdieu (1979) define que esse tipo de capital contribui para a compreensão das vantagens e desvantagens particulares dos jovens, inclusive para o alcance do sucesso escolar e das escolhas profissionais. O capital cultural manifesta-se em três estados distintos, são eles: o estado incorporado, o estado objetivado e o estado institucionalizado, mas para a linha argumentativa desta pesquisa será adotado apenas o estado incorporado.

O estado incorporado do capital cultural, como o próprio nome sugere, está relacionado ao corpo e à noção de incorporação. Nesse estado ocorre a acumulação de capital cultural mediante a apropriação, inculcação e assimilação dos recursos disponíveis e que são diferentes para cada grupo social (BOURDIEU, 1979). Para Bourdieu (1979, p. 2), “O capital cultural é um ter que se tornou ser, uma propriedade que se fez corpo e tornou-se parte integrante da “pessoa”, um *habitus*.” Aqui o *habitus* pode significar uma espécie de subcapital pessoal, isto é, a incorporação de características no indivíduo desde seu nascimento. A acumulação dessas características tem a ver com o tempo de apropriação ao longo da vida. Em outras palavras, este “subcapital pessoal” ao qual Bourdieu se refere, trata-se do capital cultural de um determinado indivíduo e não é obtido de modo imediato, mas sim inconscientemente desde os primeiros anos de idade (BOURDIEU, 1979). Por exemplo, é incorporado ao grupo de gênero desde a infância

estereótipos sobre o papel desempenhado por mulheres e homens, bem como a atribuições de comportamentos femininos e masculinos, qualidades femininas e qualidades masculinas. Essa questão será mais bem explorada na seção 3.

Os conceitos discutidos até aqui explicaram a existência de um capital cultural próprio para determinados grupos sociais. O argumento de Pierre Bourdieu na abertura desta seção deixa margem para que se interprete gênero como um grupo dentro do mundo social e a definição de capital cultural incorporado seguinte a isso leva a acreditar que este grupo possui de fato uma cultura própria, uma cultura de gênero. McCall (1992) denomina essa cultura de gênero como capital cultural feminino ou capital cultural social. Os laços entre os conceitos de Bourdieu e a questão de gênero se entrelaçam pela percepção da incorporação e apropriação do que ocorre entre os indivíduos que dispõem das características presentes neste tipo de capital (MCCALL, 1992).

Esse tipo de capital tenderia a criar e reproduzir estereótipos de acordo com o gênero dos indivíduos, como características e gostos que se diferenciam com o gênero, como as ideias de feminilidade e masculinidade instituídas na sociedade (MCCALL, 1992). A autora (1992) exemplifica que se atribui que a moda e a beleza são de interesse feminino e, portanto, estão alinhadas com características de feminilidade, logo moldam-se e instituem-se estereótipos a este respeito que serão inculcados nas mulheres ao longo da sua vida. Segundo McCall (1992), esse capital feminino-sexual abre espaço para que violências simbólicas de gênero se instalem e ditem que mulheres seriam menos capazes intelectualmente, isto é, seriam mais limitadas, pois anexam e priorizam interesses em assuntos femininos de beleza e cuidado. Associado a isso, mulheres detentoras de maior capital feminino-sexual tenderiam a alcançar menores certificações por credenciais institucionais, isto é, menos prestígio durante e após os estudos (MCCALL, 1992). Isso porque, o conjunto de assuntos considerados como formuladores do capital feminino-sexual, são classificados como inferiores e irrelevantes socialmente. Em suma, questões voltadas para saúde, cuidado e ensino, tidos como “menos assuntos” por serem desvalorizados no mundo social, constituem o capital definido pela autora.

Outra questão refletida por McCall (1992) é a transferência desses estereótipos embutidos no capital feminino do ambiente particular (familiar) para o ambiente público (mercado de trabalho), segmentando carreiras como masculinas ou femininas, e contribuindo para a desvalorização dessas últimas à medida em que se fortalecem os estereótipos de gênero. Isso significa que, quanto mais capital feminino for necessário para uma carreira, quanto mais segmentada por gênero for uma profissão, mais desvalorizada ela se torna.

Olinto (1995) também aborda a questão do capital cultural de gênero em linha similar à de McCall. A autora (1995) aponta que os mecanismos de poder operados pelos capitais culturais das diferentes classes sociais, destacados e descritos minuciosamente por Bourdieu competem com outras questões como as de etnia, de raça e de gênero, que geram classes próprias – grupos de aproximação – e são detentores de capitais culturais específicos. Assim, as mulheres se configuraram como um grupo de gênero com incorporações e institucionalizações de capital cultural particular, em que características atribuídas como femininas determinam as características do seu capital cultural, que influenciam as escolhas profissionais ocupadas por mulheres na sociedade. Gênero é tratado na teoria de Bourdieu como uma variável que interfere na análise de classe. Pode operar tanto de modo independente das classes sociais, com denominadores comuns que perpassam todas as classes na produção de um capital cultural específico de gênero, quanto separadamente, dentro de cada classe social específica, com a geração de práticas e representações particulares de cada classe (OLINTO, 1995).

Embora a teoria de Bourdieu tenda a destacar as desvantagens das classes sociais desprivilegiadas e das mulheres enquanto classe de gênero, tanto a sua teorização quanto as suas descrições das características culturais desses grupos permitem que se considere que determinados aspectos do capital cultural podem ter um efeito positivo, contribuindo para a mudança social e trazendo vantagens aos indivíduos. A teoria de Bourdieu sugere que pode haver diferentes implicações do capital cultural para homens e mulheres. A aquisição deste capital, especificamente da cultura erudita, mais valorizada pela sociedade e pela escola, pode ser mais importante para as mulheres, como estratégia para garantir a sua posição de classe, ou mesmo para sua ascensão social. Este argumento é defendido por alguns autores que trabalham com o conceito de capital cultural, como abordado no artigo de Olinto (1995). Além disso, o investimento em cultura erudita é um aspecto do capital cultural incorporado pelas mulheres, que envolve a valorização das áreas sociais, para as quais se sentiriam mais aptas do que para as áreas exatas.

O conceito de capital cultural incorporado oferece outros importantes insumos que auxiliam na interpretação dos aspectos socioculturais de gênero, bem como na identificação da relação entre os dois conceitos. Uma interpretação dessa relação é a constituição de uma cultura de gênero por meio do capital cultural feminino-sexual que incorpora visões estereotipadas sobre mulheres e homens na atribuição de papéis, gostos e interesses. Mesmo que gênero possua elementos que cruzem com outros grupos sociais, trata-se de uma classe detentora de práticas e representações próprias.

Na seção 3 a questão da incorporação da cultura de gênero na transmissão de estereótipos será aprofundada para buscar relação com a autoestima e os aspectos psicossociais de gênero que possam impactar na vivência dos jovens, assim como nas suas opções profissionais.

4 GÊNERO E AUTOESTIMA

Esta seção dedica-se a buscar fundamentação teórica da relação entre estereótipos de gênero e autoestima, além da influência desses conceitos na escolha de carreiras. Argumenta-se que aspectos psicossociais influenciam na ativação de sentimentos que geram comportamentos que impactam nas escolhas de jovens por carreiras. Baseia-se em estudos que indicam atribuições de papéis de acordo com o gênero ainda na infância e as consequências que os estereótipos traçados a partir disso, para cada segmento de gênero, influenciam na autoestima em relação a disciplinas das áreas consideradas exatas, como a Matemática e a Física. Apresenta também como corpo teórico, quatro tipos de mecanismos de segregação – segregação horizontal e segregação vertical, universalismos e particularismos – que impactam negativamente tanto no ingresso, quanto nos primeiros anos de carreira de mulheres em C&T.

4.1 ESTEREÓTIPOS DE GÊNERO

As características, os comportamentos e os papéis atribuídos exclusivamente a meninas e meninos, oriundos da cultura de gênero, vista em seção anterior, contribuem para a formação dos estereótipos de gênero na sociedade. Estes estereótipos, operados pela determinação e delimitação de papéis, são incorporados desde a principal origem dos relacionamentos: a família. Nesse ambiente nutre-se a raiz da internalização de estereótipos pelos indivíduos desde os primeiros anos de vida e antes mesmo da fase escolar. Endendijk *et al.* (2013) apontam que o processo de incorporação de estereótipos é um mecanismo de transmissão geracional e cumulativo, advindo da experiência dos pais enquanto filhos. A manifestação dos estereótipos ocorre, na maioria das vezes, pelos próprios pais e de dois modos: implícito ou explícito (ENDENDIJK *et al.*, 2013).

Os estereótipos implícitos consistem naqueles em que o repasse acontece de maneira sutil e proveniente de internalizações individuais, isto é, se desenvolve de modo silencioso. Os estereótipos explícitos marcam, de modo verbal ou gestual, suas intenções e acabam por materializar suas ações de modo direto e objetivo. Pode-se dizer que o primeiro tipo corresponde a uma manifestação inconsciente de sentidos em relação aos papéis de gênero, e o segundo a uma comunicação declaradamente racional e aberta a respeito da adoção de papéis diferenciados por gênero (ENDENDIJK *et al.*, 2013). Segundo os autores (2013), o grau de intensidade com que esses dois tipos afetam as crianças em seus primeiros anos possuem pesos e medidas não equivalentes e de acordo com a construção de cada figura parental de primeiro

grau – a mãe, o pai, os irmãos etc. Nesta linha, pontua-se que figuras familiares influenciam as outras sucessivamente, de geração em geração.

O repasse de estereótipos implícitos, por configurar atitudes não calculadas e de ordem habitual – um tipo de *habitus*, pode-se dizer –, tende a ser submetido em menor grau às convenções sociais, estas como formas explícitas de estereótipos comuns a cada gênero. Entretanto, ambos têm sido amplamente empregados na construção de indicadores para observar o comportamento dos indivíduos e estabelecer um conjunto de ações desenvolvidas por eles em relação a gênero (ENDENDIJK *et al.*, 2013).

Estudos realizados por Levy e Haaf (1994), Serbin (2001) e Poulin-Dubois (2002) apontam que as crianças incorporam estereótipos desde muito cedo. Em torno dos 10 meses são capazes de identificar objetos com base em classificação de gênero. Aos dois anos acentuam-se as preferências em relação aos brinquedos, estes já segmentados por gênero. De dois aos três anos surgem noções a respeito da atribuição dos papéis de cada um, segundo o gênero.

Em relação aos pais, entendidos como primeiros transmissores da cultura de gênero, Endendijk *et al.* (2013) baseiam-se em outros estudos que apontam tendências a uma maior explicitação de estereótipos pelos homens, no caso os pais, e menor pelas mulheres, as mães. Surpreendentemente, os dois gêneros seriam equivalentes no aspecto implícito dos estereótipos, pois mães teriam bem menos ações declaradamente abertas do que os pais (ENDENDIJK *et al.*, 2013). Os estudos sugerem, assim, que os homens podem transmitir estereótipos tanto por meio de suas ações práticas e corriqueiras, dissimuladas ou inconscientes (modo implícito), quanto de modo declarado, direcionado e objetivo (modo explícito), na mesma proporção. Por outro lado, as mulheres se concentrariam mais em ações práticas e corriqueiras do modo implícito. De todo modo, mães e pais são tidos como os principais agentes para o condicionamento dos filhos às categorias de gênero, pois o comportamento de ambos serve de modelo para os filhos ou filhas de acordo com suas atitudes, reações, ocupações, interesses e posturas (ENDENDIJK *et al.*, 2013).

Os autores ainda apresentam evidências empíricas de que, como o senso comum já sugere, mães e pais tratam meninas e meninos de forma diferente na compra de brinquedos segmentados por gênero – carrinho para os meninos, boneca para as meninas –, nas roupas com cores específicas – tons de azul para meninos, tons de rosa para meninas –, no modo como dialogam e brincam – meninos jogam bola, meninas brincam de casinha. Em suma, incentivam os filhos a adotarem as categorias atribuídas (papéis) para cada gênero com base nos próprios incentivos que receberam anteriormente. Esse processo de transmissão dos pais para os filhos é denominado como associações estereotipadas de gênero, que possuem a finalidade de embutir

nos filhos os seus próprios estereótipos (ENDENDIJK *et al.*, 2013). Interessantemente, os autores consideram que neste fenômeno evolui o que chamam por processamento de informações por partes das crianças, que consiste na entrada (*input*) dos estereótipos, processamento (*organização/ classificação dos papéis de gênero*) e saída (*output*), quando os filhos passam a reproduzir as ações transmitidas pelos pais. Nas palavras dos autores o processamento de informações nesse sentido se dá como “[...] as associações de gênero que compõem o esquema influenciarão o **processamento de informações** subsequentes relacionadas ao gênero e, portanto, enviesarão ações futuras.” (ENDENDIJK *et al.*, 2013, p. 4, grifo nosso). Destaca-se esse processo pelo lado materno: mães transmitem mais suas experiências internas, convertidas em estereótipos, para as filhas do que para os filhos. Isso se explica pela aproximação que ocorre da mãe com atividades consideradas inerente às meninas. O repasse de estereótipos entre as mulheres na relação familiar tende a ser mais forte (ENDENDIJK *et al.*, 2013).

A relação entre irmãos também pode gerar influências a respeito da incorporação de estereótipos por meio da assimilação dos papéis de gênero. Trata-se de um processo que difere de acordo com a posição do indivíduo na ordem etária familiar e gera casos diferenciados. Por exemplo, meninas com irmãos mais velhos e meninos com irmãs mais velhas tendem a manifestar estereótipos menos explícitos do que quando os irmãos mais velhos são do mesmo gênero dos mais novos (ENDENDIJK *et al.*, 2013). A ideia é que há nessa relação reforço no repasse de estereótipos mais explícitos entre irmãos de mesmo gênero pela reafirmação da performance dos papéis de cada gênero; por exemplo, espera-se que dois irmãos do gênero masculino colaborem com afazeres desempenhados pela figura paterna, enquanto duas irmãs do gênero feminino pratiquem tarefas desenvolvidas pela figura materna. Isso porque é o “papel” de cada um, reforçado pelas similaridades explícitas no cotidiano de cada um. Pode-se inferir que na esfera das atividades domésticas, meninas cuidaram da alimentação, das roupas e do ambiente interno e meninos cuidariam das áreas externas como varandas, quintal e garagem, pois seguem o que os pais desempenham como atividade, como se fosse uma imitação. Nesse caso, o convívio com o semelhante tende a impedir a percepção da existência das diferenças de gênero no mundo social.

Com os filhos do mesmo gênero, mães e pais manifestam fortes estereótipos implícitos em comparação aos pais com filhos dos dois gêneros (ENDENDIJK *et al.*, 2013). Para os autores (2013), mães afetam seus filhos por meio de ações mais espontâneas, isto é, ações não calculadas e os pais por meio de ações mais declaradas, ou seja, por ações intencionais e específicas, como já dito. Observa-se também que é possível que se utilize modos mais

verbalizados (explícitos) de comunicar os estereótipos de gênero quando não há representações opostas, ou seja, quando os filhos são do mesmo gênero. Em lares com a presença de ambos os gêneros, haveria mais abertura na aceitação de papéis semelhantes para meninos e meninas. Sobre essa questão os autores (ENDENDIJK *et al.*, 2013, p. 10) concluem que:

[...] em famílias com irmãos de sexo misto, os pais também têm igual oportunidade de ver semelhanças entre meninos e meninas (o que não é possível em famílias com filhos do mesmo sexo), o que pode tornar mais difícil a adesão a explicações de gênero para certos comportamentos.

Outro fator importante que os autores destacam em seu estudo é o nível de escolaridade materno. Em casos em que a escolaridade materna é inferior à paterna ou em relação a outras mães, subverte-se o comportamento comum destas como maiores transmissoras de atitudes implícitas e revela uma tendência a atitudes mais explícitas sobre gênero. No entanto, mantém-se a percepção apontada de que, na medida em que as mães apresentam estereótipos mais fortes, independentemente do tipo, as filhas apresentam-nos na mesma medida (ENDENDIJK *et al.*, 2013). Torna-se possível perceber que existem comportamentos e manifestações de estereótipos que são mais aceitos para os homens do que para as mulheres, assim, os pais podem afetar os filhos pelos dois tipos de estereótipos sem problemas de aceitabilidade social, diferentemente das mães (ENDENDIJK *et al.*, 2013). Isso evidencia questões profundas de desigualdade entre os gêneros e a subjugação feminina pelos homens. Os pais podem ter atitudes explícitas e implícitas, verbalizadas e sutis, conscientes e inconscientes, dissimuladas e espontâneas sobre a determinação dos papéis de gênero. Em contrapartida, as mães podem ser mal interpretadas se agirem da mesma forma.

Segundo os autores, mesmo que exista de fato a influência da família à afetação dos filhos pelos estereótipos de gênero, ela funciona como uma incorporação inicial na apresentação dos papéis que cada indivíduo deveria assumir, porém, é na escola que essas diferenças se tornam mais nítidas e anunciadas:

Aparentemente, as diferenças de gênero nas atitudes sobre gênero começam a se desenvolver mais tarde na infância, provavelmente durante os anos escolares em que a influência dos pais se torna mais pronunciada e as crianças encontram mais experiências relacionadas ao gênero fora de casa (ENDENDIJK *et al.*, 2013, p. 10).

Finalmente, pontua-se que as mães oferecem maior influência para o desenvolvimento dos estereótipos de gênero dos seus filhos, pois tendem a passar mais tempo com eles na

primeira fase na infância e, conseqüentemente, possuem mais chances de transmitir suas experiências internalizadas implicitamente por meio dessa relação de proximidade com os filhos (ENDENDIJK *et al.*, 2013). Visto como os papéis são direcionados para cada gênero no ambiente familiar, em que pais e mães afetam seus filhos em maior e menor grau e de modo implícito ou explícito por meio das internalizações que possuem, será apresentado como se cristalizam os estereótipos na juventude e como estes podem afetar a vida e as escolhas dos indivíduos.

4.2 ATIVAÇÃO DE SENTIMENTOS, COMPORTAMENTO E AUTOESTIMA

Segundo Schuster e Martiny (2017), a sub-representação de mulheres em carreiras de C&T evidencia o efeito que os estereótipos de gênero podem provocar e contribuir para a masculinização de algumas áreas e a feminização de outras. Nesse ambiente acadêmico, um dos principais estereótipos é o de que mulheres são menos competentes em determinados campos e domínios do conhecimento. Esse estereótipo em particular tende a causar uma série de problemas que afetam diretamente a motivação e ativam um alerta de ameaça às mulheres. A baixa autoestima das mulheres em relação às suas capacidades em disciplinas ditas duras pode levar ao esvaziamento feminino das áreas de sociais e exatas. As autoras apontam que compreender as questões de autoestima, devido à ameaça de estereótipos de gênero, pode gerar insumos para reativação da motivação das mulheres e impedir a desistência delas em relação às carreiras de C&T, por exemplo. Os estereótipos dessa natureza funcionam como instrumentos para a manutenção das disparidades e a reprodução das violências de gênero (SCHUSTER; MARTINY, 2017). É importante elucidar que as questões a respeito de gênero e C&T, discutidas aqui, colhem insumos na literatura internacional e suas discussões sobre campos Ciência, Tecnologia, Engenharia e Matemática (STEM). Em alguns contextos, o termo C&T é utilizado como equivalente a STEM, o que permite o uso indistinto das duas siglas, no decorrer deste texto.

Os estereótipos de gênero associados às carreiras de sociais e exatas atuam como gatilhos que ativam a sensação de ameaça às mulheres por parte dos homens. Trata-se de uma ameaça sobre desempenho, que – independentemente das aptidões – induzem à inibição e à retração de mulheres no desenvolvimento dessas atividades. Sexismo, lembretes explícitos de papéis de gênero e a submissão a testes e provações constantes são exemplos dos gatilhos que tendem a ativar o receio das mulheres em relação às competências que possuem e afetar

diretamente seu envolvimento nessas áreas. Entre os gatilhos mais efetivos para a ativação das más sensações está o da sub-representação de grupo (SCHUSTER; MARTINY, 2017).

Aspectos ligados à sub-representação ganham força por meio da visibilidade proporcionada por veículos de disseminação como as mídias tradicionais. Davies *et al.* (2002) apontam os comerciais televisivos como um dos principais meios de representação conservadora de papéis de gênero. Nas ciências, Murphy *et al.* (2007) dão o exemplo da presença majoritária de conferencistas homens na programação de eventos científicos em determinadas áreas. No mesmo sentido, Smith *et al.* (2013) observaram a predominância masculina em retratos de turmas universitárias em áreas de C&T. Para Schuster e Martiny (2017), os aspectos anteriores configuram o que nomeiam de “pistas contextuais”, que reforçam os gatilhos que são ativados por estereótipos de gênero na percepção das áreas científicas como desagradáveis e pouco atrativas para as mulheres.

O gatilho que ativa o sentimento de ameaça e baixa autoestima surge do reforço da sub-representação feminina no universo de C&T, conforme parágrafo anterior, e produz desistências ainda na fase escolar. Schuster e Martiny (2017) chamam esse comportamento de desistência de “efeito antecipado”. Este efeito consiste na autoavaliação dos gêneros em relação a sua capacidade na realização de verificações acadêmicas futuras, como testes e provas, por exemplo, que tenderão a definir a adoção de determinados comportamentos para conseguirem lidar com a situação de serem colocadas à prova. Baumeister *et al.* (2007), Carver e Scheier (1990) e Mellers e McGraw (2001), teóricos que estudam as motivações e decisões dos indivíduos, concordam efetivamente que reações afetivas impactam diretamente sobre as escolhas, além de explicar atitudes tomadas no passado e condicionar atitudes futuras. Segundo Schuster e Martiny (2017, p. 2), o efeito antecipado opera no indivíduo como efeito previsto e atuaria como valor:

[...] subjetivamente experimentado de um futuro hipotético. [...] o efeito antecipado parece ser um fator importante por uma escolha motivada em geral que também pode estar envolvida em aspirações de carreira feminina e escolhas relacionadas à carreira.

As mulheres, ao serem submetidas às ativações dos estereótipos de gênero, tenderiam a antecipar sensações desagradáveis e despertar percepções menos favoráveis a seu respeito na fase da escolha. A consequência seria a baixa autoestima que se soma à desmotivação em tentar ou seguir nas áreas em que se estabelecem os estereótipos. Os efeitos antecipados correspondem a sentimentos como ansiedade, desânimo, pensamentos não positivos, autodúvidas e sensação

de incapacidade (SCHUSTER; MARTINY, 2017). De modo geral, pode-se considerar que a ativação dos gatilhos geraria efeitos de autossabotagem nos processos referentes a escolha de carreira e seleções para ingressar em carreiras.

Outro fator que contribui de modo desfavorável para o desempenho de mulheres em áreas de C&T, ou dificulta o ingresso das mesmas, diz respeito à influência que as memórias afetivas com base em experiências passadas têm na sensação de que uma escolha futura será agradável ou não. Salienta-se que gatilhos para ativação da noção dos estereótipos de gênero possuem raízes nas incorporações nos primeiros anos de vida, isto é, na infância e posteriormente na adolescência, o que torna possível a previsão de reações afetivas em situações futuras (SCHUSTER; MARTINY, 2017).

Ainda no estudo capitaneado pelas autoras acima mencionadas, um teste de processo seletivo fictício em que as mulheres foram induzidas por estereótipos anteriormente ativados, ficou evidente que as jovens, quando submetidas a um teste de Matemática, ao mesmo tempo experimentam sentimentos negativos em relação aos estereótipos de gênero ativados anteriormente, o que gera efeitos desfavoráveis, e as levaram a ter menor interesse pelas carreiras de C&T. O sentimento ativado nas mulheres não surtiu efeito nos jovens do gênero masculino que participaram do experimento realizado. Além disso, quanto maior a sub-representação de mulheres em carreiras de C&T, isto é, quanto menor for a proporção de mulheres nesses espaços, maior o receio de escolha por parte das jovens do ensino médio. O mesmo se aplica na escolha das disciplinas: elas sentem-se mais confortáveis em espaços com maior representação feminina (SCHUSTER; MARTINY, 2017). A masculinização de áreas da C&T cristaliza-se, portanto, como um dos principais fatores que influenciam a autoestima de meninas desde cedo e serve de insumo para a atuação de mecanismos de segregação de gênero, conforme apontam e exemplificam Oliveira, Mello e Rigolin (2020, p. 10) para a área de tecnologia da informação: “A sub-representação do gênero feminino no setor de tecnologia da informação é um problema global que tem consequências de ordem econômica e de justiça social. Ela provoca questionamentos relativos à imparcialidade e à equidade de oportunidades.” Não se sentindo confortáveis, capazes e representadas, as meninas entram no primeiro ciclo de segregação: a segregação vertical, que é tratada na seção 4.3.

4.3 MECANISMOS DE SEGREGAÇÃO

As ciências, assim como outros espaços no mundo social, passam por processos próprios de estratificação. Nesses espaços operam mecanismos enraizados nos indivíduos desde a

infância, passando pela juventude e se cristalizando na vida adulta – quando as segregações são mais sentidas. Nesta seção, serão apresentados quatro tipos de segregação observados, tanto para escolha e tentativa de ingresso quanto para permanência após ingresso de mulheres nas áreas de C&T. Os quatro estão divididos em dois blocos: no primeiro discute-se a segregação horizontal – mecanismos que operam na escolha de carreiras pelos jovens e a consequente segmentação destas por gênero – e a segregação vertical –, o teto de vidro que opera após o ingresso em carreiras C&T e dificulta a progressão de mulheres nessas carreiras. Este tema é abordado por diversos autores no país, como Olinto (2011), Steil (1997), Leta (2014) e Oliveira, Mello e Rigolin (2020); no segundo bloco discute-se a dualidade entre critérios universalistas – padrões normativos comumente aceitos a fim de privilegiar homens brancos – e particularistas – possibilidade de diversificar padrões – segundo a perspectiva de Scott Long e Fox (1995). Ambos os processos discutidos contribuem para reprodução das disparidades entre mulheres e homens no mundo da C&T.

4.3.1 Segregação horizontal e segregação vertical

Os debates e os estudos sobre a inclusão de mulheres nas áreas de C&T têm impulsionado cada vez mais estudos em diversos países e ganhado destaque entre organismos internacionais – Organização para a Cooperação e Desenvolvimento Econômico (OCDE), Organização das Nações Unidas para a Educação, a Ciência e a Cultura (UNESCO) e a Organização das Nações Unidas (ONU) –, a fim de tornarem evidentes a assimetria de gênero e contribuírem com a formulação de políticas públicas que visam promover a equidade entre mulheres e homens na área científica. A OCDE (2011) argumenta que estabelecer a igualdade entre os gêneros por meio de ações que incentivem e efetivamente gerem condições para que mulheres se interessem, ingressem e atuem nas áreas de C&T, trata-se de um ganho para as próprias nações, pois aproveitariam melhor o investimento em educação e formação de mulheres – ainda na fase escolar – e o consequente retorno: o seu interesse em ingressar nas áreas de C&T. Trata-se do argumento econômico que se justifica pela lógica do desenvolvimento de uma nação; por evitar o desperdício de talentos – os das mulheres - que poderiam ser estimuladas a contribuir para o fortalecimento da ciência e da tecnologia (OCDE, 2011; OLINTO; 2011).

Apesar das recomendações feitas por essas organizações internacionais, o cenário da atualidade segue ainda uma lógica diversa. As mulheres continuam em posições de desvantagens em relação aos homens, seguem sendo preteridas independentemente de suas

capacidades, subjugadas por papéis de gênero retrógrados e sub-representação nessas áreas, devido a estereótipos de gêneros fortemente enraizados. Especifica-se, a seguir, como atuam as segregações vertical e horizontal, como anteriormente mencionado.

A **segregação horizontal**, segundo Olinto (2011, p. 2), “[...] inclui mecanismos que fazem com que as escolhas de carreiras sejam marcadamente segmentadas por gênero.” Tal segregação ocorre no período da vida em que os jovens são submetidos a escolhas que definirão suas carreiras profissionais, em geral no final da fase escolar. Esses mecanismos – dotados de afetações provocadas pelos estereótipos de gênero – são responsáveis por influenciar a escolha de carreira, fazendo com que mulheres se autoavaliem como inaptas para determinadas carreiras de C&T e optem por profissões que consideram socialmente em conformidade com características e habilidades próprias de seu gênero. Isso ocorre pela transmissão de papéis de gênero na família e na concretização destes papéis em estereótipos na escola, os quais afetam a autoestima das mulheres para a realização de suas escolhas futuras, conforme visto anteriormente. Os mecanismos que atuam para esse tipo de segregação, principalmente os relacionados a estereótipos, são os que impactam na feminização persistente em determinadas áreas, como Humanas, Sociais e Saúde (OLIVERIA; MELLO; RIGOLIN, 2020). Cabe ressaltar que essas profissões ou áreas de atuação, consideradas mais femininas, são sistematicamente desvalorizadas, como fisioterapia, enfermagem e biblioteconomia. Inversamente, os homens são maioria na escolha por áreas exatas mais valorizadas no mercado de trabalho, como engenharia e computação. Essas são situações que configuram a segregação horizontal.

A **segregação vertical** ocorre no período após o ingresso de mulheres em carreiras de C&T. Esse mecanismo opera de modo sutil, quase imperceptível, para que a progressão de mulheres no ambiente de trabalho não ocorra, ou seja limitada, possibilitando a estagnação das mesmas em posições menos prestigiadas (OLINTO, 2011). Essa segregação é conhecida também pelo fenômeno do teto de vidro, em que as mulheres são impedidas de alcançar postos de alto nível dentro das organizações em que atuam, única e exclusivamente pela questão de gênero e independentemente de suas qualificações e habilidades (STEIL, 1997). Essa barreira invisível favorece a ascensão e manutenção do domínio dos homens em cargos de alto prestígio. Mesmo caracterizado como invisível, o teto de vidro é responsável por tornar nítidas grandes discrepâncias no sucesso profissional, não só em cargos de poder nas organizações, mas na remuneração entre mulheres e homens (STEIL, 1998). Identifica-se a presença desses dois mecanismos de segregação em áreas de C&T, onde a dificuldade no ingresso e no sucesso em caso de permanência são comprometidos. É também necessário destacar o modo com que a segregação vertical se manifesta nas áreas científicas. Ela pode ser percebida pela maior

ocupação de mulheres em cargos menos prestigiados na academia, como as atividades mais voltadas para o ensino (sobretudo na graduação), orientação de estudantes de graduação, participação em bancas de graduação e publicações em anais de eventos (LETA, 2014). Sob atuação deste mecanismo, as mulheres também tendem a receber menos recursos e financiamentos de pesquisa em C&T (OLIVEIRA; MELLO; RIGOLIN, 2020).

Também é importante apresentar aspectos que indicam semelhanças e diferenças entre meninas e meninos em relação ao coeficiente de rendimento escolar e até desvantagens entre mulheres e homens na produção científica (OLINTO, 2011). Os órgãos internacionais, ao analisarem dados sobre desempenho escolar de jovens no mundo inteiro, observaram que o rendimento não possui muita variação por gênero, isto é, os gêneros estariam equiparados no desempenho escolar: as mulheres possuem largo domínio em leitura e os homens pouca vantagem sobre elas em matemática; em ciências, ambos possuem aproveitamento equivalente (OCDE, 2020). Leta (2014) reforça que a variação entre mulheres e homens na ocupação de atividades de maior e menor prestígio na academia não é tão significativa, embora os homens tendam a possuir certa vantagem na publicação de artigos científicos em periódicos, por exemplo. Embora as evidências sobre a majoritária presença feminina em determinadas áreas sejam fortes, como será visto mais adiante (OLINTO, 2011), a diferença de participação em atividades consideradas menos notórias não é tão forte, em comparação aos homens (LETA, 2014). Sobre isso, Leta (2014, p. 10) conclui que:

[...] nas Ciências da Saúde, apesar de as diferenças não serem significativas em termos estatísticos, é possível observar que mulheres tendem a assumir mais a tarefa de menor prestígio, o ensino, enquanto os homens tendem a assumir mais a tarefa de maior prestígio, a pesquisa.

Mesmo assim não se pode deixar de observar que “[...] há, na academia, um tipo específico de divisão ou segregação de tarefas que pode ser um mecanismo relevante para a manutenção da estrutura de poder vigente.” (LETA, 2014, p. 10). Um dos tipos de mecanismos que potencializam a segregação vertical de gênero na academia está relacionado às redes de interação entre os profissionais de áreas da C&T, em que a instituição de estereótipos pode provocar o isolamento de mulheres neste ambiente, isto é, exclusão de práticas de socialização (OLIVERIA; MELLO; RIGOLIN, 2020).

As disparidades de gênero no mundo do trabalho, nas áreas de C&T, são percebidas pela quantidade de benefícios acumulados pelos homens, como o sucesso na progressão da carreira, maior reconhecimento, obtenção de bolsas de estudo mais prestigiadas, ocupação de

cargos de alto nível, atividades de liderança, remuneração superior. Essas últimas são situações que configuram a segregação vertical (OLINTO, 2011).

Os dados a seguir, referentes às desigualdades entre mulheres e homens em C&T, foram retirados do estudo de 2011 de Olinto (2011). Em nível nacional, as mulheres ocupam majoritariamente os postos em C&T nas universidades. No entanto, a situação se inverte completamente quando analisada a ocupação dos postos de C&T em áreas exatas, em que os homens representavam 81,5% dos profissionais e 89% dos técnicos contra 18,5% e 11% das mulheres, respectivamente; em áreas biológicas ou da saúde as mulheres representam 59,4% dos profissionais e 74,7% dos técnicos contra 40,6% e 25,3% dos homens, respectivamente. Os números indicam diferenças de gênero entre carreiras exatas e biológicas no Brasil, sobretudo nas áreas exatas, em que a amplitude percentual supera as áreas biológicas e da saúde. A distribuição de bolsas também torna evidente a disparidade de gênero no país: cerca de 70% das bolsas de áreas exatas são destinadas a homens, enquanto 60% a 70% das bolsas nas áreas biológicas e da saúde são destinadas a mulheres; a situação das bolsas concedidas para pesquisa em C&T no Brasil entra em modestas equiparações pela análise da modalidade destas; As bolsas de mestrado e doutorado são distribuídas, grosso modo, igualmente – 52% para mulheres e 48% para homens, e 51% para mulheres e 49% para homens, respectivamente. A desigualdade volta a se tornar evidente quando se trata das bolsas de produtividade em pesquisa (PQ), modalidade de maior prestígio na ciência nacional. Nesta modalidade, 65% das bolsas são destinadas a homens e apenas 35% destinadas a mulheres. Tal inequidade é mais drástica quando se analisa o grau de hierarquia desta modalidade – as bolsas PQ possuem nível 2, 1D, 1C, 1B e 1A. Apenas 20% das pesquisadoras mulheres possuem o mais alto grau de bolsa PQ, que é o extrato 1A, enquanto 80% dos homens dominam quase completamente esta modalidade. Observa-se, portanto, que os mecanismos que operam a segregação vertical em C&T encontram-se plenamente atuantes na ciência brasileira (OLINTO, 2011).

Em dados recentes da Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios (PNAD) (IBGE, 2018) com referência no ano de 2016 até 2018, identificou-se que no Brasil a mulher estuda mais do que os homens e tem rendimento inferior, além de ocupar menos cargos de gerência. Segundo a PNAD, entre a população de 25 anos ou mais com nível superior completo 23,5% são mulheres e 20,7% são homens; já o rendimento das mulheres tem um valor médio de R\$1.764,00, enquanto o dos homens é de R\$2.306,00. No trabalho, 37,8% dos cargos de gerência são ocupados por mulheres, enquanto 62,2% são ocupados por homens. Observa-se com esses dados, que mulheres que possuem maior formação de nível superior no mercado de

trabalho, do que os homens, mas ganham menos em relação a salário e ocupam menos da metade dos cargos de gerências.

A baixa participação das mulheres em algumas profissões mais valorizadas e os baixos salários que são típicos de profissões femininas são considerados mecanismos de segregação de gênero. Um estudo recente aponta para a baixa participação das mulheres em algumas profissões bem remuneradas, notadamente aquelas que preparam os indivíduos para a sociedade do conhecimento. Entende-se como profissões que preparam os indivíduos para sociedade do conhecimento, aquela que possuem maior inclinação para C&T. Em contraposição, as profissões em que as mulheres atuam maciçamente são aquelas que tipicamente recebem baixos salários: “As mulheres graduadas nas formações mais bem remuneradas pela economia do conhecimento são minoria, ao mesmo tempo em que os trabalhos nas áreas de Educação e Humanidades, qualificações majoritariamente adquiridas pelas mulheres, recebem menores salários.” (OLIVEIRA; MELLO; RIGOLIN, 2020, P. 8). Nesse sentido, é necessário observar que mecanismos de segregação também atuam depois do ingresso de mulheres no mundo do trabalho. Por exemplo, pode-se observar o movimento da segregação horizontal em áreas consideradas, inclusive neste estudo, como humanas e sociais, como a Biblioteconomia e em áreas mais prestigiadas, como a Medicina, mulheres concentrando-se em especialidades menos valorizadas. Na Biblioteconomia, as mulheres tendem a ser maioria no campo das bibliotecas escolares e na Medicina as mulheres são forte presença na pediatria. Ambas as especialidades nestas áreas distintas, acumulam salários inferiores e tem em comum o cuidado e o ensino, assuntos que compõem o capital feminino-sexual (seção 3) e por isso são considerados inferiores e menos importantes nas suas respectivas áreas. Por outro prisma, é possível observar a atuação do mecanismo vertical em profissões mais feminilizadas, como na Enfermagem, onde mesmo havendo maioria feminina, os cargos de gerência e chefia podem ser liderados por homens, como a gestão de hospitais e postos de saúde.

Quadlin (2018) oferece complemento sobre tópicos discutidos acima. Segundo a autora, mesmo se em todos os níveis educacionais as mulheres possuísem desempenho superior aos homens, sobretudo em disciplinas humanas e sociais, o sucesso escolar não lhes concederia vantagens sobre os homens no ingresso no mundo do trabalho. A autora argumenta, com base em um estudo empírico, que nas disputas por colocações nesse espaço, os indivíduos seriam, em princípio, admitidos em função do quanto maior fosse o seu desempenho. Contudo, observa-se que homens de alto nível de rendimento recebem maior retorno às disputas por vagas do que mulheres que têm o mesmo nível. A disparidades observadas alargam-se, em específico, nas áreas exatas. Mulheres de alto nível nas áreas de matemáticas, engenharias e afins são

preteridas, três vezes mais, em relação aos homens. Tratam-se, portanto, de decisões arbitrárias com base em padrões estabelecidos pelos recrutadores, padrões esses constituídos por estereótipos de gênero. Os homens tendem a ser avaliados pelos recrutadores como candidatos sérios e capazes, enquanto valorizam atributos de docilidade e agradabilidade nas mulheres. Ou seja, espera-se que homens sejam competentes e mulheres sociáveis. Os requisitos deste tipo apontam que mulheres de alto nível em disciplinas exatas são interpretadas como detentoras de características masculinas e, dessa forma, não adequadas para o ambiente de trabalho. Seriedade e compromisso são características masculinas e mulheres que as possuem são vistas como intimidadoras. Assim, são selecionadas mulheres com nível inferior aos dos homens, segundo a lógica de atribuição de gênero por personalidade (QUADLIN, 2018). A autora (2018, p. 1) conclui que “[...] o sucesso evoca estereótipos de gênero que penalizam as mulheres por terem boas notas, criando retornos desiguais ao desempenho acadêmico na entrada no mercado de trabalho.”. Em suma, este pode ser um exemplo de um primeiro estágio da segregação vertical, em que mulheres são suprimidas pelo fato de ser encaradas como intrinsecamente menos capazes. Se uma mulher ameaça o status de protagonista de um homem como líder, ela é impedida de disputar uma promoção, o que configura uma inserção limitada neste mundo. É possível observar, também, que os critérios de seleção adotados priorizam mais a personalidade do que as credenciais, o que pode prejudicar a avaliação e a oportunidade de ascensão profissional das mulheres. Do ponto de vista da C&T, Leta (2014, p. 3) aponta que os dois tipos de segregação aqui discutidos “[...] parecem guardar relação com o nível desigual de atributos e de tipos de reconhecimento que cientistas homens e mulheres acumulam.” Tais atributos podem ser aprofundados a partir de outros dois mecanismos de segregação identificados dentro da ciência: universalismo e particularismo.

4.3.2 Universalismos e particularismos

A reprodução de desigualdades dentro do ambiente acadêmico opera aspectos que podem ser analisados com base nos conceitos de universalismo e particularismo, propostos por Merton para analisar a ciência e os cientistas. A linha de pensamento universalista, segundo Merton (1942), pontua que cientistas sejam avaliados pelos pares de acordo com critérios impessoais estabelecidos previamente às verificações e, assim, não sofram interferências por características individuais ou sociais deles. O universalismo, que para Merton seria a situação ideal, propõe que os cientistas sejam reconhecidos unicamente pelo mérito de suas pesquisas e o esforço desempenhado para seus empreendimentos, e não por outras características pessoais

e sociais. Merton, entretanto, não leva em consideração o caso de cientistas que são oriundos de minorias sociais, como mulheres, negros, latinos e asiáticos, que poderiam ter essas suas especificidades valorizadas no ambiente científico, como fazem as ações afirmativas. Nesses grupos desprestigiados encontram-se grupos de cientistas que têm menos oportunidades no ambiente científico. Compõem esses grupos desprestigiados: mulheres, negros, latinos, asiáticos e Lésbicas, Gays, Bissexuais e Transgênero (LGBT), ou seja, aqueles que não seguem o padrão de homem branco. Logicamente, o particularismo consiste em pensamento oposto ao universalismo, ao considerar relevantes os aspectos individuais e específicos de cada cientista (LONG; FOX, 1995). Long e Fox (1995, p. 9) definem o **universalismo** como critério em que:

[...] a atribuição de recompensas e recursos deve basear-se exclusivamente nos méritos da contribuição de um cientista para o avanço do conhecimento científico. Estas contribuições podem ocorrer diretamente através da publicação de novas pesquisas ou indiretamente através do desempenho como professor ou administrador.

O **particularismo** é definido pelos autores (1995, p. 9) como critério que:

[...] envolve a consideração de características funcionalmente irrelevantes, como a raça ou o sexo, na atribuição de recursos e recompensas. Na medida em que a raça e o sexo promovem a afetação independentemente das contribuições científicas, ocorre discriminação.

Um exemplo disso é o fato de que mulheres e algumas dessas minorias sociais permanecem em níveis acadêmicos inferiores por serem menos produtivas. No entanto, o motivo do baixo rendimento é propiciado pelas práticas universalistas, nas quais critérios de avaliação favorecem um padrão específico de pesquisador. Mesmo em uma possível equiparação de títulos e produções, às mulheres ainda seriam destinados os ambientes inferiores. O motivo seria a deturpação do pensamento particularista que usaria de seus recursos não para promover a equidade e sim para servir de ferramenta de desigualdade (LONG; FOX, 1995). Para os autores, os dois pensamentos podem estar atuando conjunta e simultaneamente para a reprodução das desigualdades.

Long e Fox (1995) estabelecem quatro dimensões possíveis para observar a força exercida pelo universalismo, dentro da ciência, em detrimento dos grupos considerados minoritários, em especial o grupo do gênero feminino. As dimensões são: participação, posição, produtividade e reconhecimento. Entende-se que o padrão universalista adotado largamente pela ciência opere desigualdades dentro de cada dimensão e que elementos fora deste, como

gênero, raça e etnia, estejam localizados no extremo inferior da estrutura. Os dados apresentados abaixo sobre as quatro dimensões propostas referenciam sistemas estadunidenses como parâmetro para início de debate. Justifica-se o uso de dados norte-americanos pela certificação e destaque dos autores (LONG; FOX, 1995) nos estudos de gênero e mulheres na ciência e pela relevância dos dados para o entendimento dos mecanismos de segregação universalista e particularista.

Segundo os autores acima mencionados, em relação à participação das mulheres em C&T no decorrer das décadas, principalmente nos anos de 1920, essas figuravam em apenas 12% do total de doutoramentos nos Estados Unidos da América (EUA) em C&T. Cerca de trinta anos depois, nos anos de 1950, a situação era ainda pior, tanto na proporção de mulheres doutoras quanto na sua aceitação pelos pares. Pesquisadores homens do Instituto de Tecnologia de Massachusetts (MIT), uns dos mais renomados centros de pesquisa mundial, organizaram, nesta época, assembleias para definir se era necessário a admissão de mulheres para a instituição, pois a recomendação geral era contrária. Vinte anos depois, já na década de 1970, o índice de mulheres doutoras em C&T ultrapassava 15%. Na medida em que mulheres foram conquistando arduamente espaço no mundo das ciências, tornou-se possível observar a distribuição de gênero por áreas e, conseqüentemente, a sub-representação das mesmas em C&T. Nos anos 1990, 84% das mulheres doutoras em C&T nos EUA atuavam no que se considera como ciências da vida – áreas como psicologias e ciências sociais. Na mesma década, as disparidades eram percebidas também no índice de desemprego dos doutores. Mulheres possuíam 2,2% mais chances de desemprego em C&T do que homens. Na Física, a porcentagem de chances de desemprego das mulheres praticamente dobrava para 4,2% (LONG; FOX, 1995).

Ainda segundo Long e Fox (1995), o posicionamento dos cientistas dentro das instituições é definido pelos critérios de localização e classificação. A localização de mulheres e homens ocorre pela divisão setorial de atividades com base na atribuição de papéis de gênero. As mulheres possuem maiores probabilidades de serem admitidas em hospitais (11% contra 6% dos homens) e em instituições de ensino (51% contra 46% dos homens), enquanto os homens possuem maiores chances em indústrias (38% contra 29% das mulheres) e cargos governamentais (7% contra 5% das mulheres).

A classificação diz respeito ao grau de prestígio das instituições de doutoramento pelas quais as mulheres recebem o título. Esse critério está diretamente contido no contexto maior de estratificação na ciência. Assim, quanto menor o prestígio de uma universidade, maiores as chances de empregabilidade de mulheres e demais minorias (LONG; FOX, 1995). Isso significa

que mesmo se cientistas mulheres obtenham diplomas em instituições renomadas, as chances de emprego são maiores em instituições pouco renomadas. Em geral, universidades prestigiadas empregariam mais homens oriundos de instituições de prestígio similar.

Por fim, a produtividade e o reconhecimento, dimensões que estão próximas, dado que uma impacta na outra, tendem a evidenciar a face cruel do universalismo, pois segundo a lógica deste, um cientista é reconhecido pela produtividade que alcança nas suas pesquisas. A produtividade é medida pela quantidade de publicação (produtivismo) e fator de impacto (relevância). Nessas duas dimensões nota-se a mesma relação enviesada das demais. Mulheres tendem a publicar menos do que homens. Em pouco mais de uma década na vida dos pesquisadores homens, a média de publicações alcançada por eles na época do estudo mencionado era de oito trabalhos, contra apenas três das mulheres no mesmo período de observação.

Todavia, os mesmos autores alertam para a possibilidade de uma ativação contrária da linha particularista, como movimento que pode ser acionado no meio científico na manutenção do status quo das minorias sociais. O particularismo pode gerar efeito de usurpação de critérios de equidade e democracia e servir de instrumento para reprodução das desigualdades. Quanto mais especificados forem os processos de avaliação, na intenção – diga-se de passagem –, visando a ampliação das chances de sucesso de mulheres e minorias, mais o tipo padrão desejado pela ciência pode se sobressair. O motivo é justamente a vantagem que os homens brancos heterossexuais possuem sobre os demais – desde o doutoramento até as conquistas garantidas pelos critérios universalistas. Desse modo, homens oriundos de instituições pouco prestigiadas, e com possíveis lacunas de qualificações, ou de qualificações exigidas pelo menos, podem se beneficiar de fatores particularistas. Por outro ângulo, quanto mais vagos forem os critérios de avaliação por parte das bancas de seleção ou recrutadores, as condições particularistas para maior igualdade entre os cientistas são suprimidas e o preconceito persiste.

Nesse sentido, Long e Fox (1995, p. 19) apontam que os cientistas tendem a argumentar que:

[...] a ambiguidade [de correntes de pensamentos e práticas] é inerente à ciência, que não existem critérios impessoais pré-estabelecidos para fazer corresponder a investigação à natureza e que, portanto, toda a avaliação é subjetiva, baseada em perspectivas e interesses particulares.

Em suma, percebe-se que, para o ingresso de mulheres nas ciências, é possível obter sucesso por meio de seleções que considerem características particularistas no processo, desde

que não adotem uma sistematização de seus editais – fatores ocultos que podem levar a usurpação de vagas por homens brancos e heterossexuais. Todavia, após o ingresso, as dimensões de participação, localização, classificação e reconhecimento dentro das áreas de C&T continuam sendo estabelecidas por critérios universalistas que mantêm a segregação das mulheres.

5 CARACTERÍSTICAS DO CAMPO EMPÍRICO: DADOS DO CAMPUS CENTRO DO COLÉGIO PEDRO II

Nesta seção serão apresentados alguns dados sobre o do Colégio Pedro II (CPII) visando destacar a relevância da instituição como fonte de pesquisa. Serão também considerados dados relativos ao campus Centro, que consiste no campo empírico desta pesquisa.

O Colégio Pedro II (CPII) é uma instituição de ensino federal brasileira situada na cidade do Rio de Janeiro e fundada em 1837 – há 183 anos – no período regencial do Brasil império. Trata-se da primeira instituição nacional de nível secundarista, além de ser a segunda instituição de ensino mais antiga do país. Seu nome homenageia o então imperador Dom Pedro II, ainda menino no período da fundação (COLÉGIO PEDRO II, 2020). O campus Centro, campo empírico desta pesquisa, possui o primeiro prédio-sede da instituição dotado de riqueza arquitetônica, que data do século XVIII. O prédio histórico passou por reformas significativas, como em 1874, ano em que ocorreu a ampliação de suas instalações e construção de sua atual fachada em estilo Neoclássico, um dos principais emblemas do colégio (COLÉGIO PEDRO II, 2020a).

Figura 1 – Fachada do campus Centro do Colégio Pedro II



Fonte: Colégio Pedro II (2020).

Entre as instalações, destaca-se o famoso Salão Nobre, de 1875, como outro marco histórico do Campus Centro; nele o próprio imperador Pedro II costumava participar das solenidades (COLÉGIO PEDRO II, 2020a).

Figura 2 – Salão Nobre do campus Centro do Colégio Pedro II



Fonte: Colégio Pedro II (2020).

O colégio passou por três principais fases de expansão. A primeira delas foi na década de 1950, com a criação da unidade do Engenho Novo e do Humaitá, ambas em 1952, e da Tijuca, em 1957. A segunda expansão ocorreu na década de 1980, com implementação dos anos iniciais do ensino em todos os campi já existentes. A terceira e mais recente expansão aconteceu na década de 2000, com a criação do campus no bairro de Realengo, em 2004, e os intermunicipais em Niterói e Duque de Caxias, em 2006 e 2007, respectivamente (COLÉGIO PEDRO II, 2020e). Atualmente, sua estrutura institucional configura-se da seguinte forma: 14 campi, 12 presentes em seis bairros da cidade do Rio de Janeiro e dois presentes na região metropolitana (Duque de Caxias e Niterói), além do Centro de Referência em Educação Infantil, no bairro de Realengo. A localização dos campi mais recentemente criados, em bairros afastados do centro e das zonas sul e norte da cidade, indicam que houve um esforço de facilitar o acesso ao colégio por parte de crianças e jovens de extração social menos privilegiada. O colégio possui atualmente em torno de 13.000 mil estudantes e cerca de 2.500 servidores, entre docentes e técnico-administrativos. Hoje o colégio disponibiliza como atividades curriculares

de ensino as seguintes modalidades: educação infantil, ensino fundamental, ensino médio regular, ensino médio integrado, educação de jovens e adultos, cursos técnicos e pós-graduação (COLÉGIO PEDRO II, 2020a).

Outros dados sobre o perfil do CPII, podem ser obtidos para consulta no espaço destinado aos dados abertos da instituição no menu principal do site da mesma (http://www.cp2.g12.br/proreitoria/prodi/cpii_numeros). Os dados quantitativos do colégio referentes aos discentes, aos docentes e às atividades de ensino e pesquisa, são apresentados em relatórios estatísticos anualmente; são disponibilizados na página “CPII em números” e separados por categorias como, entre outras: índice de eficiência da educação básica, informações socioeconômicas dos discentes, participação em iniciação científica, grupos de pesquisa existentes e a titulação dos docentes. Tais dados são processados pela Comissão de Elaboração do Plano de Dados Abertos (CEPDA), respaldados pela lei de acesso aberto (LAI) (COLÉGIO PEDRO II, 2020b).

Sobre as condições socioeconômicas gerais dos discentes do CPII em 2018, ano da publicação do último relatório, cerca de 84,63% moravam na cidade do Rio de Janeiro, 9,53% na região metropolitana, 3,30% em Duque de Caxias, 2,12% em Niterói e 0,43% em outros municípios. Cabe apontar que as duas últimas cidades, bem como a capital, integram o referido bloco geográfico que possui 22 cidades, mas são as únicas que possuem unidades da instituição. Observa-se que os estudantes residem majoritariamente na capital da região metropolitana, onde concentram-se 12 das 14 unidades. Os dados disponibilizados também mostram a distribuição por gênero: 53,43% do gênero feminino e 46,55% do gênero masculino. Há predominância de estudantes do gênero feminino, mas pode-se considerar também que há suficiente diversidade de gênero para estudos sobre o tema. Com relação a renda familiar, cerca de 57,82% desses estudantes possuem renda familiar inferior a R\$2.862,00, valor referente a três salários-mínimos em 2018, enquanto apenas 25,62% possuem renda superior a este número; 16,56% não responderam. Ou seja, a maioria das famílias desses estudantes viviam com até três salários e, conforme classificação da Fundação Getúlio Vargas Social. (FUNDAÇÃO GETÚLIO VARGAS, 2014), pertenciam às classes C, D e E.

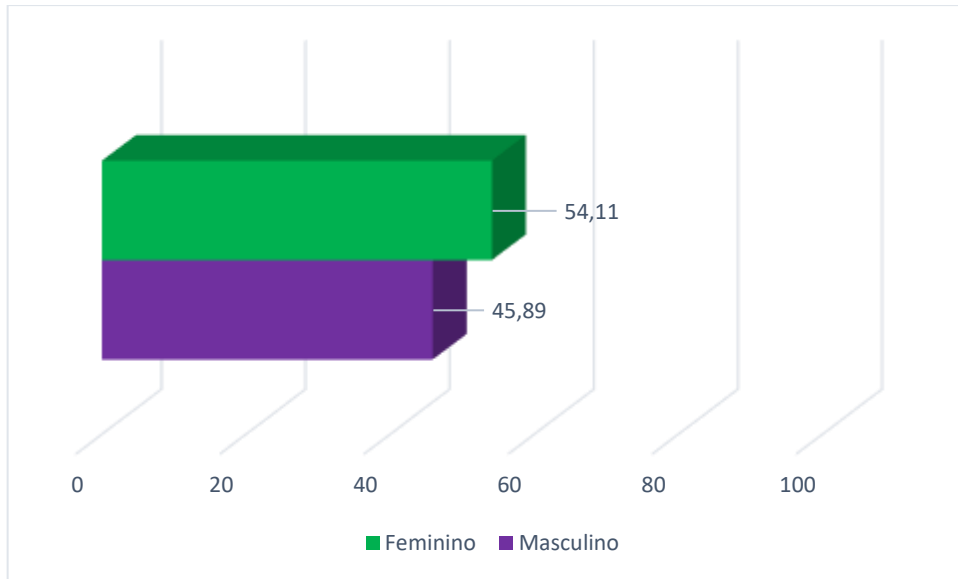
Sobre raça/cor do alunado, 57,29% declararam-se brancos, 26,61% pardos e 8,32% negros. O percentual dos alunos que se identificam como brancos é superior ao percentual dos que se autodeclararam brancos na população do país, de acordo com os dados da PNAD em 2019: 42,7% da população autodeclarou-se branca, 46,8% parda e 9,4% negra (IBGE, 2019). Essa diferença da composição racial dos alunos do colégio em relação à população do país, sugere que o colégio ainda não atingiu um nível ideal de democracia racial.

O CPIO se envolve em projetos de iniciação científica júnior, direcionados a estudantes do ensino médio, com predominância de jovens do 2º ano deste ciclo escolar; abrangem 16 disciplinas curriculares, sendo as que mais concentram projetos são as disciplinas de Biologia, Ciências e História. Os relatórios da instituição também revelam o alto nível de formação dos seus professores: em 2018, 297 professores da CPIO eram mestres e 227 doutores (COLÉGIO PEDRO II, 2020b). Aliás, os projetos de iniciação científica do CPIO estão associados a essa titulação acadêmica dos seus docentes, pois o doutorado é pré-requisito para coordenação de projetos de extensão e iniciação científica, conforme a Resolução Normativa do Programa Institucional de Bolsas de Iniciação Científica (PIBIC) (CNPQ, 2006).

Outro dado relevante sobre o CPIO é o bom desempenho do colégio em âmbito regional e nacional, o que é avaliado pelo Instituto Nacional de Estudos e Pesquisa Educacionais (INEP), por meio de uma prova nacional a que estudantes do 5ª ano são submetidos, a Prova Brasil. Segundo nota pública da reitoria do CPIO sobre o exame realizado em 2018, o CPIO obteve uma média global de 525,97, superior à média da cidade do Rio de Janeiro e à média nacional, cujos resultados foram de 446,13 e 438,64, respectivamente (COLÉGIO PEDRO II, 2020d). Esse resultado mostra que o desempenho obtido pela instituição a coloca acima da média das demais escolas públicas nacionais, independente do âmbito de administração (federal, estadual ou municipal), e pode se igualar à excelência de colégios dos países do hemisfério norte (SANTOS, 2019).

A seguir, com base no mesmo documento disponibilizado pelo colégio (COLÉGIO PEDRO II, 2020), descrevem-se algumas características sociodemográficas dos estudantes do campus Centro, onde se concentrou a pesquisa. Inicialmente, apresenta-se, no gráfico 1 a distribuição dos alunos por gênero.

Gráfico 1 – Gênero de estudantes do campus Centro do Colégio Pedro II

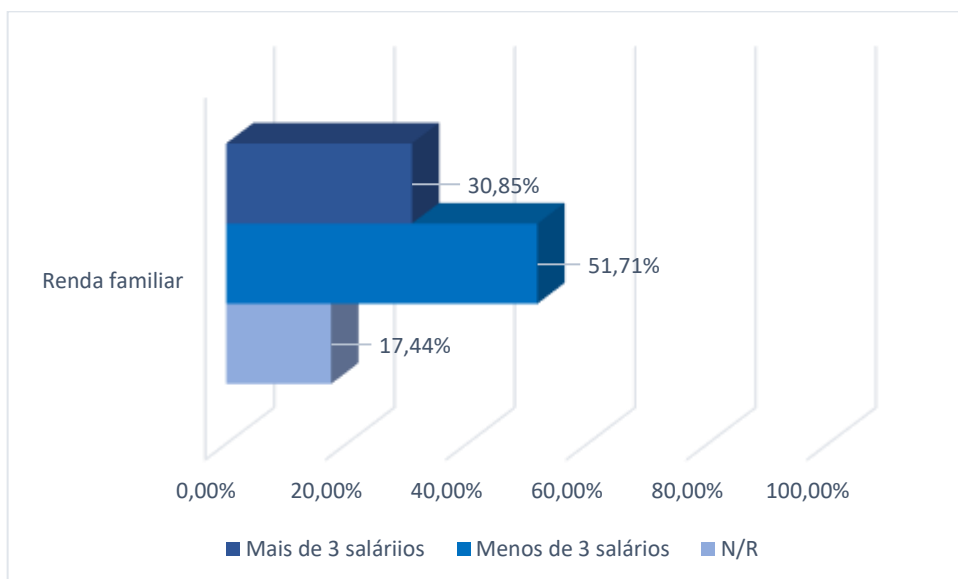


Fonte: Colégio Pedro II (2020c).

Os percentuais apresentados a respeito do gênero de estudantes desse campus, seguem de perto aqueles apresentados para o colégio como um todo, mostrando também neste ambiente a predominância da presença de meninas.

Com relação à renda familiar dos estudantes, os dados institucionais são apresentados no gráfico 2, com a distribuição da renda familiar em termos de salários-mínimos.

Gráfico 2 – Renda familiar de estudantes do campus Centro do Colégio Pedro II

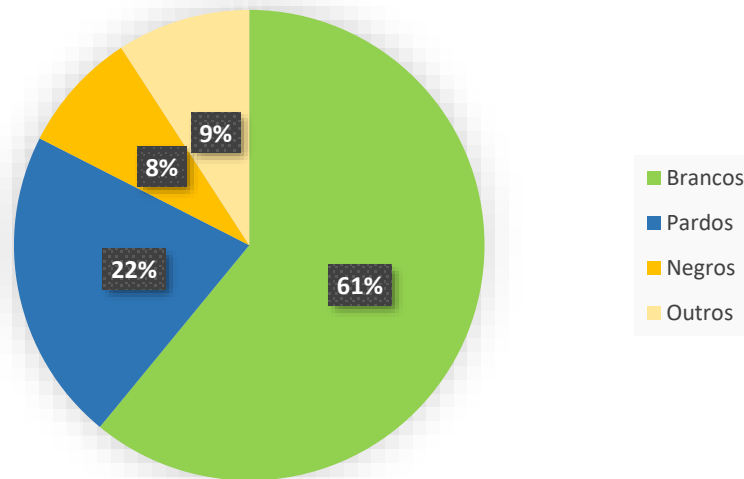


Fonte: Colégio Pedro II (2020c).

Em comparação com os dados gerais sobre estudantes da instituição, os dados sobre o campus Centro indicam que há neste ambiente uma renda familiar um pouco mais alta – um percentual um pouco maior de estudantes com mais de três salários-mínimos (com base no ano de 2018, conforme explicado anteriormente). Esses valores são, contudo, próximos aos do colégio como um todo, inclusive com relação aos resultados da categoria sem informação (NR), um número alto tanto no Campus Centro quanto no colégio como um todo.

Sobre raça/ cor no Campus Centro, apresenta-se o seguinte gráfico 3, de setores, baseado nos dados obtidos do relatório “CPII em números”, 2020:

Gráfico 3 – Raça/ cor de estudantes do Campus Centro do Colégio Pedro II

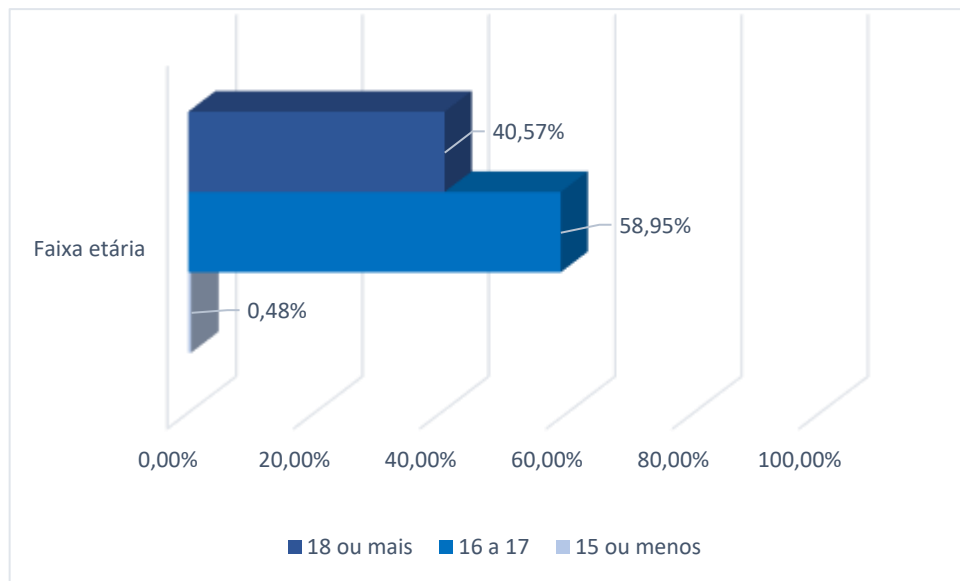


Fonte: Colégio Pedro II (2020c).

A proporção de estudantes autodeclarados pardos deste campus é um pouco menor do que a proporção observada para instituição como um todo, e, inversamente, o número de brancos é um pouco maior. Essas diferenças são, entretanto, pequenas, sugerindo distribuição racial equivalentes.

Com relação a distribuição etária dos estudantes do Campus Centro, apresenta-se no gráfico 4 dados referentes aos alunos do ensino médio, que é o foco do estudo. Os dados, apresentados no gráfico de barras, a seguir, foram também obtidos do documento institucional do campus Centro é também obtida descrita no documento “CPII em números”, 2020: no seguinte gráfico de barras:

Gráfico 4 – Faixa etária de estudantes do EM do campus Centro do Colégio Pedro II



Fonte: Colégio Pedro II (2020c).

O gráfico 4 indica que há pouca dispersão das idades dos estudantes do Campus Centro, que estão concentrados nas faixas de idade adequada para a série frequentada: quase 60% entre 16 e 17 anos. O campus ainda dispõe do Ensino Médio Profissionalizante de Jovens e Adultos (PROEJA) e de cursos de pós-graduação *lato sensu*, em especializações como Ciências Sociais, Educação Básica, Química, História da África e Relações Étnico-Raciais no Ensino Básico (COLÉGIO PEDRO II, 2020a).

De um modo geral, as informações fornecidas pela instituição revelam bom desempenho dos alunos no cotejo com as demais escolas do país e ao mesmo tempo extração social diversificada, tanto pelo perfil dos seus alunos quanto pela localização dos diversos campus. O campus Centro destaca-se por carregar e simbolizar a tradição do colégio, o que é expresso nas suas instalações. Além disso, o Campus tem protagonismo em iniciativas inclusivas, como é o caso dos cursos profissionalizantes e dos cursos de especialização étnico-raciais, acima mencionados.

6 PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS

Nesta seção apresentam-se aspectos metodológicos adotados nesta dissertação e descrevem-se aspectos do levantamento realizado junto à população de estudantes do ensino médio do Campus Centro, que é o campo empírico do estudo. A metodologia utilizada para esta dissertação enfatiza dados quantitativos, a fim de oferecer um bloco descritivo-explicativo a respeito de como ocorre a escolha dos jovens por carreiras nos últimos anos da fase escolar, e em que medida influências como estereótipos de gênero provocam sentimentos e comportamentos nesse meio.

Primeiramente, (a) foi realizada pesquisa bibliográfica de artigos científicos pertinentes à temática e aos objetivos propostos na pesquisa. Em seguida, foram estabelecidas (b) as delimitações gerais da pesquisa, como o método quantitativo. Por fim, ocorreu a (c) a escolha, com base na fundamentação teórica, dos dados primários provenientes da pesquisa em andamento, anteriormente mencionada, no campo empírico definido para análise.

A busca por artigos ocorreu dentro dos próprios periódicos científicos de forte fator de impacto e alta avaliação no Qualis/Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES) em ciências humanas e sociais. Os periódicos selecionados foram: *American Sociological Review*, *Sex Roles* e *Educação & Sociedade*. Para seleção utilizou-se a pesquisa avançada do Portal de Periódicos da CAPES em três tentativas com os seguintes termos: (1) Gênero, (2) Estereótipo de gênero e (3) Papéis de gênero. Os principais conceitos trabalhados a partir disso foram: estereótipos de gênero, autoestima e segregação horizontal e vertical de gênero.

A respeito da pesquisa quantitativa como método, destaca-se o uso de estatística descritiva univariada e bivariada. No âmbito do projeto de pesquisa descrito na seção introdutória, levantou a população do campus Centro referente aos alunos do ensino médio em 2019, que totalizou 387 estudantes. Um questionário foi aplicado à essa população, sendo que 285 estudantes responderam ao questionário. Ou seja, a população levantada foi de 73,64%, o que pode ser considerado um retorno bastante satisfatório.

Os dados brutos que serão utilizados para as análises tiveram o instrumento de coleta elaborado e os dados processados pela equipe do grupo de pesquisa Gênero, Ciência, Tecnologia e Sociedade, no âmbito do projeto de pesquisa “Diferenças de gênero na ciência e na tecnologia”. A justificativa para a utilização desse material é o interesse comum dos envolvidos, sendo que o autor desta dissertação é membro do grupo e colaborador da equipe que foi a campo, tendo ficado responsável pela etapa de processamento dos dados. Para

construção deste questionário foram utilizados os seguintes conceitos presentes na literatura: papéis de gênero, estereótipos de gênero, segregação horizontal, sentimentos e comportamento em relação a disciplinas voltadas para C&T. O questionário está estruturado em cinco baterias temáticas e mais um espaço para considerações finais, totalizando 51 questões e 99 variáveis para análise, destas 36 questões fechadas e 15 questões abertas. Os blocos estão divididos em: perspectivas profissionais (6 perguntas); vivência escolar (9 perguntas); preferências e hábitos (15 perguntas); vivência familiar e opiniões (2 perguntas); perguntas finais (16 perguntas); considerações finais (3 perguntas). O questionário completo está no Anexo A. A codificação das perguntas abertas envolveu a elaboração de um livro de códigos em que foi possível pré-definir categorias para questões abertas. A análise dos dados aqui apresentada foi feita com a utilização do software de análise estatística de dados: Statistical Package for Social Sciences (SPSS), versão 21.0.

De acordo com a teoria trabalhada nas seções anteriores, optou-se por analisar cinco perguntas fechadas e duas perguntas abertas, quatro no total, do referido questionário. As perguntas fechadas analisadas aqui foram:

- a) Como você avalia a sua capacidade nas disciplinas de português, matemática, física e sociologia?
 - Baixa;
 - Média;
 - Alta.
- b) Das tarefas domésticas, em quais você costuma ajudar em casa?
 - Ocasionalmente;
 - Várias vezes por mês;
 - Várias vezes por semana;
 - Diariamente.
- c) Com que frequência você vai a: cinema, teatro, museu, livrarias, show?
 - Quase nunca;
 - Algumas vezes por ano;
 - Uma vez no mês;
 - Mais de uma vez no mês.
- d) Você costuma ouvir que algumas atividades profissionais são mais próprias para você do que outras?
 - Sim;
 - Não.

- e) Você já pensou em uma carreira profissional, mesmo que vagamente?
 - Sim;
 - Não.

As perguntas abertas analisadas aqui foram:

- a) Você já pensou em uma carreira profissional, mesmo que vagamente? Se sim qual?
- b) Qual é o seu gênero/sexo?
 - Feminino;
 - Masculino;
 - Outros.

6.1 LEVANTAMENTO DOS DADOS

O levantamento da população de estudantes do ensino Médio do Campus Centro teve início concomitantemente à elaboração do instrumento de coleta de dados – um questionário aplicado a essa população, que ocorreu durante o segundo semestre de 2019, entre os meses setembro e novembro, sob a coordenação da Prof. Gilda Olinto, com a colaboração da Prof. Silzane Carneiro, professora de Sociologia do Campus Centro e membro da equipe do projeto, e do autor desta dissertação. Com a colaboração da Prof. Patrícia Mallmann, um pré-teste do questionário foi realizado no final de outubro de 2019 com discentes da turma de Metodologia da Pesquisa, do curso de Biblioteconomia, da Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ), e junto a estudantes de uma turma do ensino médio do Colégio Franco-Brasileiro. Através da análise das respostas obtidas no pré-teste foi possível identificar boa aceitação do instrumento, facilidade na compreensão das perguntas e das opções de resposta, mas também algumas falhas na pré-codificação e na clareza de algumas perguntas.

Após os ajustes, a aplicação do questionário ocorreu em um período de dez dias, entre 19 e 29 de novembro de 2019, a todas as 12 turmas do ensino médio do campus Centro. Os professores destas turmas foram previamente contatados e cederam um período de suas aulas para aplicação do questionário, que envolveu quatro turmas de primeiro ano no turno vespertino, e as quatro turmas de segundo e terceiro ano no turno matutino. A dinâmica da aplicação do questionário em todas as turmas foi a seguinte: apresentação da equipe do projeto, apresentação resumida do projeto de pesquisa e explicações gerais sobre o questionário, como

responder e como proceder ao término do preenchimento. O tempo de aplicação em sala de aula variou entre 15 minutos e 25 minutos.

A seguir, o quadro 1 resume as principais informações sobre as turmas que constituíram a população alvo.

Quadro 1 – Dados da população alvo de estudantes do EM do campus Centro do CPII

Turma	Ano	Período	Matriculados
1201	2º ano	Matutino	34
1203	2º ano	Matutino	32
1205	2º ano	Matutino	34
1207	2º ano	Matutino	37
1301	3º ano	Matutino	26
1303	3º ano	Matutino	32
1305	3º ano	Matutino	32
1307	3º ano	Matutino	32
2102	1º ano	Vespertino	31
2104	1º ano	Vespertino	30
2106	1º ano	Vespertino	35
2108	1º ano	Vespertino	32

Fonte: microdados da pesquisa (2019).

Finalmente, apresenta-se, nas tabelas 1 e 2, o cotejo entre a população alvo e a população levantada no trabalho de campo. Esse cotejo visa analisar a representatividade dos dados obtidos. A definição da população alvo decorreu dos dados obtidos na secretaria sobre estudantes matriculados no momento do levantamento dos dados; a caracterização da população levantada contabiliza o número de estudantes que responderam ao questionário. A tabela 1 coteja as populações por número de estudantes em cada turma; a tabela 2 apresenta a população alvo e a população levantada por gênero e turma.

A tabela 1 apresenta a comparação entre a população alvo e a população levantada, considerando o número de estudantes por turma.

Tabela 1 – População alvo e população levantada por turma do EM do campus Centro do CPH

Turma	População alvo		População Levantada	
	N	%	N	%
1201	34	9%	20	7%
1203	32	8%	28	10%
1205	34	9%	27	9%
1207	37	10%	22	8%
1301	26	7%	19	6%
1303	32	8%	26	9%
1305	32	8%	22	8%
1307	32	8%	28	10%
2102	31	8%	25	9%
2104	30	8%	22	8%
2106	35	9%	28	10%
2108	32	8%	18	6%
Total	387	100%	285	100%

Fonte: microdados da pesquisa (2019).

A comparação entre dados apresentados em percentuais nas duas colunas da tabela 1, cotejando população alvo e população levantada mostra que as proporções de estudantes alcançadas no levantamento acompanham de perto as proporções de estudantes nas 12 turmas da escola. Esse resultado sugere, portanto, que além de um retorno geral adequado, conforme anteriormente mencionado (73,64 % de estudantes respondentes), houve equilíbrio de respondentes nas doze turmas do Campus Centro.

A tabela 2 apresenta outro aspecto da comparação entre o cotejo da população alvo e da população levantada: gênero dos estudantes.

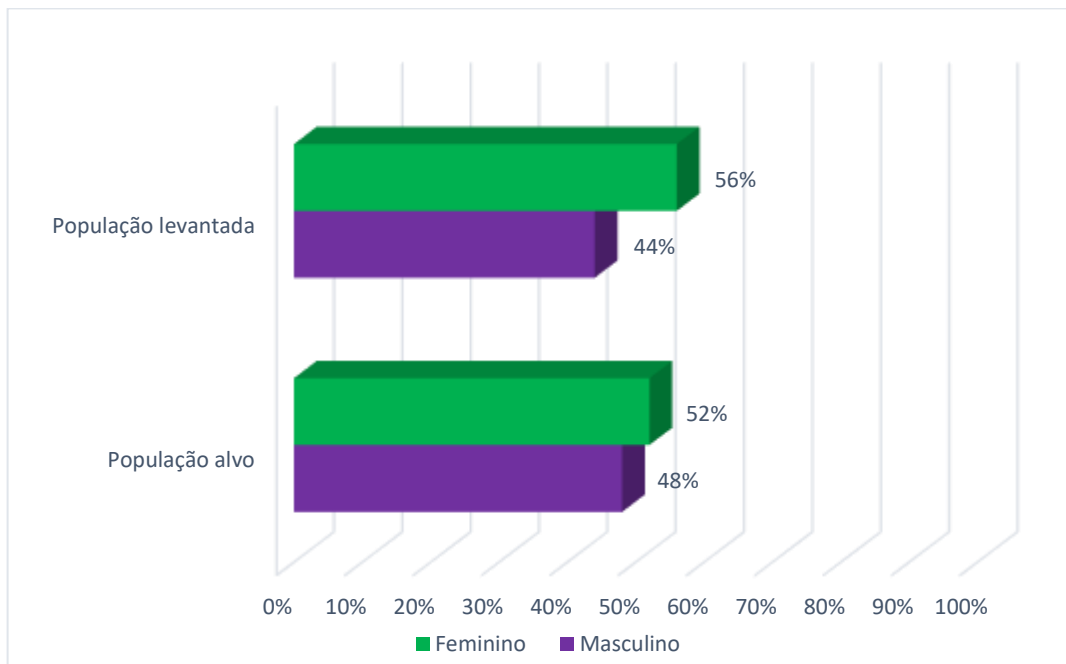
Tabela 2 – População alvo e população levantada por gênero de estudantes do EM do campus Centro do CPH

População	Autoidentificação de gênero				Total
	Feminino		Masculino		
	N	%	N	%	
População Alvo	203	52%	184	48%	387
População Levantada	162	56%	123	44%	285

Fonte: microdados da pesquisa (2019).

Os resultados da tabela 2 mostram que percentuais equivalentes de meninas e meninos estão presentes na população alvo e na população estudada, com pequena preponderância de meninas entre os que responderam ao questionário. A mesma informação é mais bem ilustrada no gráfico 5.

Gráfico 5 – População alvo e população levantada por gênero de estudantes do EM do campus Centro do CPH



Fonte: microdados da pesquisa (2019).

Ao comparar a população alvo e a população levantada com relação aos dois gênero, percebe-se que não há diferença marcante entre as duas populações. Essa comparação entre população-alvo e população-levantada, considerando o gênero de estudantes, reforça a análise realizada focalizando a participação das turmas, indicando equilíbrio percentual. Pode-se considerar, portanto, que o levantamento foi representativo da população de estudantes do Ensino Médio (EM) desta unidade de ensino.

7 ANÁLISES DOS DADOS

Nesta seção serão apresentadas as análises realizadas com os dados acima descritos. As análises ocorreram por meio da utilização do software de análise estatística de dados: SPSS, versão 21.0. As respostas abertas foram categorizadas de acordo com blocos conceituais detalhados adiante. Os resultados serão apresentados em três subtópicos: gênero e ambiente cultural, gênero e autoestima e gênero e escolha de carreiras profissionais.

7.1 GÊNERO E AMBIENTE CULTURAL

Essa subseção está dividida em 3 tópicos. O primeiro, apresenta os resultados das atividades ligadas às rotinas e cuidados com a casa. O segundo, apresenta os resultados das atividades de lazer que não estão necessariamente ligadas a cultura erudita. O terceiro, apresenta as atividades mais diretamente ligadas a cultura erudita.

7.1.1 Atividades de rotinas e cuidados com a casa

Apresentam-se os resultados de 4 tabelas que busca mensurar o efeito de gênero sobre o comportamento de estudantes dentro dos espaços de convivência doméstica, onde obtém e fortalecem o seu *habitus*. As 4 variáveis foram analisadas primeiramente à luz do conceito de capital cultural incorporado, visto na seção 3 desta pesquisa, que segundo Bourdieu (1979), trata-se do processo de interiorização das características e dos significados presente no ambiente em que os jovens vivem e são transmitidos pelos indivíduos com que estes interagem. Tais interiorizações ajudam na construção de um *habitus* cultural próprio na experiência de cada jovem e podem influenciar nas questões de gênero, uma vez que o ambiente familiar tende a transmitir papéis, estereótipos e comportamentos de gênero. Assim, o conceito que reforça esta análise de dados, foi o de estereótipo de gênero tratado por Endendijk *et al.* (2013), visto na seção 4 deste estudo, em que os pais são os principais transmissores de estereótipos e fixadores de papéis de gênero na cabeça dos filhos nos primeiros anos da formação.

Visto isso, as 4 tabelas a seguir mostram o comportamento dos jovens da pesquisa medido pela frequência com que realizam atividades da rotina doméstica. A Tabela 3 mostra com que frequência estes jovens dizem que ajudam na louça.

Tabela 3 – Frequência em lavar a louça segundo gênero de estudantes do EM do campus Centro do CPII

Lavar a louça	Autoidentificação de gênero				Total	
	Feminino		Masculino			
	N	%	N	%	N	%
Ocasionalmente	4	3%	5	4%	9	3%
Várias vezes por mês	19	12%	13	11%	32	11%
Várias vezes por semana	56	35%	43	35%	99	35%
Diariamente	80	50%	62	50%	142	51%
Total	159	100%	123	100%	282	100%

N/R = 3

Fonte: microdados da pesquisa (2019).

Observa-se nessa tabela percentuais similares entre gênero. Metade dos jovens dos dois gêneros afirmam lavar a louça todos os dias e outra boa parte afirma lavar a louça várias vezes por semana. Portanto, trata-se de uma atividade majoritariamente praticada por ambos os dentro do convívio social.

A Tabela 4 mostra com que frequência estes jovens dizem que ajudam a preparar comida.

Tabela 4 – Frequência em preparar comida segundo gênero de estudantes do EM do campus Centro do CPII

Preparar comida	Autoidentificação de gênero				Total	
	Feminino		Masculino			
	N	%	N	%	N	%
Ocasionalmente	22	14%	22	18%	44	16%
Várias vezes por mês	46	29%	42	34%	88	31%
Várias vezes por semana	55	34%	40	33%	95	34%
Diariamente	36	23%	19	15%	55	19%
Total	159	100%	123	100%	282	100%

N/R = 3

Fonte: microdados da pesquisa (2019).

Nesta tabela, percebe-se maior variação entre as opções, embora os índices estejam muito aproximados para ambos os gêneros. Nota-se que o gênero feminino prepara as refeições várias vezes por semana, enquanto o gênero masculino prepara várias vezes por mês. Também

é importante observar que as estudantes cozinham diariamente muito mais do que os estudantes. Desenha-se uma ligeira segmentação por gênero nessa atividade.

A Tabela 5 mostra com que frequência estes jovens dizem que ajudam a preparar na limpeza da casa.

Tabela 5 – Frequência em limpar a casa segundo gênero de estudantes do EM do campus Centro do CPH

Limpar a casa	Autoidentificação de gênero				Total	
	Feminino		Masculino			
	N	%	N	%	N	%
Ocasionalmente	20	13%	13	11%	33	12%
Várias vezes por mês	38	24%	50	41%	88	31%
Várias vezes por semana	53	33%	30	24%	83	29%
Diariamente	48	30%	30	24%	78	28%
Total	159	100%	123	100%	282	100%

N/R = 3

Fonte: microdados da pesquisa (2019).

Na tabela 5 é possível observar grande variação entre os gêneros. A maior parte das estudantes é responsável por realizar a limpeza da casa concentrando boa parte das respostas nas opções várias vezes por semana e diariamente. Por outro lado, mais da metade dos estudantes afirma ajudar com o cuidado da casa ocasionalmente e várias vezes no mês. Percebe-se nessa tarefa doméstica uma maior segmentação por gênero.

A Tabela 6 mostra com que frequência estes jovens dizem que ajudam a lavar roupa.

Tabela 6 – Frequência em lavar a roupa segundo gênero de estudantes do EM do campus Centro do CPII

Lavar a roupa	Autoidentificação de gênero				Total	
	Feminino		Masculino			
	N	%	N	%	N	%
Ocasionalmente	47	30%	48	39%	95	34%
Várias vezes por mês	42	26%	35	29%	77	27%
Várias vezes por semana	39	25%	26	21%	65	23%
Diariamente	30	19%	14	11%	44	16%
Total	159	100%	123	100%	282	100%

N/R = 3

Fonte: microdados da pesquisa (2019).

Observa-se novamente uma distribuição similar das respostas de ambos os gêneros, e pode-se perceber que de modo geral a atividade de lavar roupa não é muito praticada pelos jovens no contexto doméstico. Contudo, é importante apontar que as estudantes tendem a lavar mais roupa mais vezes na semana e diariamente do que os estudantes, e que estes tendem a lavar mais ocasionalmente também.

De modo geral, a análise dos dados indica que pessoas do gênero feminino se dedicam mais a tarefas de limpeza e manutenção da casa, além de ficarem mais responsáveis pela preparação das refeições em relação as pessoas de gênero masculino.

7.1.2 Atividades de lazer não ligadas a cultura erudita

Apresentam-se o resultado de 2 tabelas referentes a frequência que os jovens se dirigem à espaços de lazer e cultura, não necessariamente considerados eruditos, são eles: cinemas e shows. O conceito que orienta essa análise é o de capital cultura, trabalhado na seção 3, em que Bourdieu (1979) aponta que tais ambientes culturais conferem certificações para obtenção de credenciais para aceitação destes nos espaços sociais e, também, potencializam a interiorização de significados presentes na cultura, como a representação e sub-representação de gênero na cultura. Bourdieu (1979, 1985) fornece pistas acerca de espaços de lazer no mundo social que ajudam na construção do capital cultural interiorizado de indivíduos para construção do *habitus*. A seguir, a tabela 7 apresenta a frequência que os jovens da pesquisa vão ao cinema.

**Tabela 7 – Frequência em cinema segundo gênero de estudantes do EM do campus
Centro do CPII**

Frequência em cinema	Autoidentificação de gênero				Total	
	Feminino		Masculino			
	N	%	N	%	N	%
Quase nunca	8	5%	4	3%	12	4%
Algumas vezes por ano	76	48%	61	50%	137	49%
Uma vez no mês	47	29%	36	29%	83	29%
Mais de uma vez no mês	28	18%	22	18%	50	18%
Total	159	100%	123	100%	282	100%

N/R = 3

Fonte: microdados da pesquisa (2019).

A tabela 7 evidencia que tanto gênero feminino quanto gênero masculino vão majoritariamente ao cinema algumas vezes por ano, com leve vantagem percentual para os estudantes (em números absolutos, as estudantes são as maiores frequentadoras com boa vantagem). É importante considerar que o cinema é um espaço por vezes considerado elitizado pelo custo do ingresso, mesmo com os benefícios garantidos pela lei da meia entrada – lei nº 12,933, de 26 de dezembro de 2013 – (BRASIL, 2013) e demais tipos de incentivo estaduais e municipais. Outra explicação para a baixa frequência pode estar no uso cada vez maior de plataformas de *streaming* que possuem pacotes especiais para estudantes e um catálogo variado. A pequena diferença entre os gêneros pode também ser explicada pela dificuldade em classificar a simples frequência cinema como uma atividade culturalmente valorizada, devido à grande variação de tipos de filmes, aspecto que não foi aqui dimensionado, pois haveria grande diferença de prestígio cultural entre ir ao cinema para um filme de Almodóvar ou de um filme blockbuster como Vingadores. A tabela 8 apresenta a frequência com que os jovens da pesquisa vão a shows.

**Tabela 8 – Frequência em shows segundo gênero de estudantes do EM do campus
Centro do CPII**

Frequência em shows	Autoidentificação de gênero				Total	
	Feminino		Masculino			
	N	%	N	%	N	%
Quase nunca	99	63%	78	64%	177	64%
Algumas vezes por ano	50	31%	34	28%	84	30%
Uma vez no mês	6	4%	6	5%	12	4%
Mais de uma vez no mês	3	2%	3	3%	6	2%
Total	159	100%	123	100%	282	100%

N/R = 3

Fonte: microdados da pesquisa (2019).

A tabela 8 evidencia que ambos os gêneros frequentam shows raramente. A opção “quase nunca” agrega a grande maioria dos alunos em proporções semelhantes. Também não se observam diferenças de gênero entre aqueles que vão algumas vezes ou mais. Uma razão para a baixa frequência seria que os ingressos de shows e festivais musicais costumam ter um valor muito elevado. Entretanto, a destacar que, assim como a frequência a cinema, essa atividade não é um claro indicador de investimento em capital cultural, quanto ida a museus e livrarias. Um show de um cantor de Música Popular Brasileira (MPB), como Caetano Veloso, Chico Buarque e Gilberto Gil, e mesmo cantores mais jovens como Ana e Vitória, Silva e João, teria diferente significado relacionado a gosto e vivência na área cultural de um show de Anitta e Pablo Vittar, por exemplo. Neste ponto, cabe elucidar que o show – ou concerto musical – não aparece na teoria de Bourdieu (1979) sobre capital cultural usada de referência neste estudo, como um ambiente valorizado para obtenção de cultura. Por esse motivo, é assumido aqui como atividade não prioritária ou responsável como potencializador de cultura no sentido da obtenção de credenciais para abertura de portas e valorização do currículo de um indivíduo no mundo social (BOURDIEU, 1979).

7.1.3 Atividades de lazer ligadas a cultura erudita

Apresentam-se o resultado de 3 tabelas referentes a frequência que os jovens se dirigem à espaços de lazer e cultura, considerados eruditos, são eles: teatro, livraria e museu. Assim como no tópico 6.1.2, o conceito de capital cultura segundo Bourdieu (1979) ajudou na

interpretação dos dados. Para o autor, estes ambientes conferem aos indivíduos credenciais certificados para alcance de status no ambiente social, além de serem potencializadores na transmissão de significados para composição do *habitus* cultural de cada um. A tabela 9 apresenta a relação entre gênero e frequência ao teatro.

Tabela 9 – Frequência em teatro segundo gênero de estudantes do EM do campus Centro do CPII

Frequência em teatro	Autoidentificação de gênero				Total	
	Feminino		Masculino			
	N	%	N	%	N	%
Quase nunca	92	59%	96	79%	188	67%
Algumas vezes por ano	57	36%	23	19%	80	29%
Uma vez no mês	6	4%	2	1%	8	3%
Mais de uma vez no mês	2	1%	1	1%	3	1%
Total	158	100%	122	100%	280	100%

N/R = 5

Fonte: microdados da pesquisa (2019).

A tabela 9 traz à tona o teatro como um dos ambientes culturais menos frequentados pelos jovens da pesquisa. Trata-se de outro espaço com alto custo de ingresso e, também, considerado um ambiente elitizado, o que sugere a baixa frequência pela grande maioria dos meninos. Entretanto, observam-se diferenças de gênero que vão ao encontro das expectativas: é possível observar um percentual bem maior de meninas do que de meninos que frequentam o teatro algumas vezes ao ano. A destacar também que o teatro representa mais claramente um investimento em capital cultural socialmente valorizado do que as atividades anteriormente mencionadas: o cinema e o show. A tabela 10 apresenta a frequência com que os jovens da pesquisa vão ao museu.

**Tabela 10 – Frequência em museu segundo gênero de estudantes do EM do campus
Centro do CPII**

Frequência em museu	Autoidentificação de gênero				Total	
	Feminino		Masculino			
	N	%	N	%	N	%
Quase nunca	35	22%	46	39%	81	29%
Algumas vezes por ano	86	55%	59	49%	145	52%
Uma vez no mês	27	17%	11	9%	38	14%
Mais de uma vez no mês	9	6%	4	3%	13	5%
Total	158	100%	120	100%	278	100%

N/R = 7

Fonte: microdados da pesquisa (2019).

A tabela 10 evidencia que, de modo geral, meninas frequentam mais os museus do que meninos: elas estão menos na categoria “quase nunca” e estão muito mais presentes entre os que vão uma vez por mês ou mais. Assim como o teatro, a frequência predominante é baixa: continua sendo algumas vezes por ano para ambos os gêneros, o que surpreende porque os museus são considerados espaços mais democráticos e com uma interlocução maior com o ambiente escolar, por exemplo. A localização do colégio (Pedro II, Unidade Centro) bem próxima a diversos museus da cidade seria um fator que deveria facilitar a ida a museus. Entretanto, a tabela 10 evidencia, como no caso do teatro, que as meninas frequentam mais os museus do que os meninos: elas estão menos na categoria “quase nunca” e estão muito mais presentes entre os que vão uma vez por mês ou mais. Esses resultados também vão ao encontro das expectativas, pois a ida a museus pode ser classificada como uma atividade culturalmente valorizada, um aspecto do capital cultural em que as meninas sobressaem. A tabela 11 apresenta a frequência com que os jovens da pesquisa vão a livrarias, considerando gênero.

**Tabela 11 – Frequência em livraria segundo gênero de estudantes do EM do campus
Centro do CPII**

Frequência em livraria	Autoidentificação de gênero				Total	
	Feminino		Masculino			
	N	%	N	%	N	%
Quase nunca	38	24%	39	32%	77	28%
Algumas vezes por ano	50	32%	45	37%	95	34%
Uma vez no mês	43	27%	22	18%	65	23%
Mais de uma vez no mês	26	17%	15	13%	41	15%
Total	158	100%	121	100%	279	100%

N/R = 6

Fonte: microdados da pesquisa (2019).

A tabela acima revela que, embora a ida muito frequente a livraria (mais de uma vez por mês) seja baixa para ambos os gêneros, as meninas se destacam claramente entre os que vão a livraria com maior frequência. Considerando as categorias que indicam frequência mais alta (uma vez por mês ou mais), as meninas estão proporcionalmente mais presentes. A considerar que esta atividade, ainda mais claramente do que as atividades anteriormente consideradas, é um indicador de capital cultural socialmente valorizado.

O conjunto dos resultados da análise dos itens 7.1.2 e 7.1.3, que busca identificar a relação entre gênero e capital cultural, indica que o gênero feminino, parece, de fato, mostrar mais interesse em investir em capital cultural, notadamente revelando maior frequência a livrarias e museus. A observar que a baixa frequência geral, tanto do gênero masculino quanto do gênero feminino, nessas podem ser influenciadas por questões econômicas de acessibilidade e democratização.

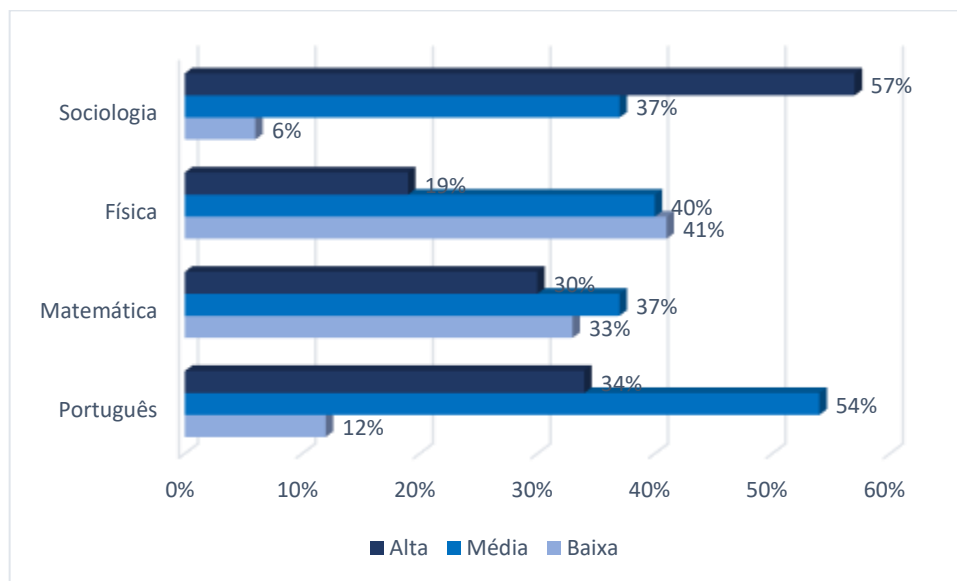
7.2 GÊNERO E AUTOESTIMA

Inicialmente, apresentam-se, em gráfico, resultados de quatro variáveis selecionadas para análise, que buscam mensurar como estes estudantes avaliam a sua capacidade em relação às disciplinas de português, matemática, física e sociologia. Medir a autoavaliação de capacidade desses estudantes ajuda a compreender se os jovens do EM são impactados por sentimentos que afetam sua autoestima (SCHUSTER; MARTINY 2017). Essas análises

univariada são também uma etapa anterior às análises bivariadas, que se seguem, relacionando gênero com autoestima em cada uma dessas variáveis.

Os resultados do gráfico 6 mostram como são suas autoavaliações de capacidades nas quatro disciplinas:

Gráfico 6 – Autoavaliação da capacidade nas disciplinas de Português, Matemática, Física e Sociologia de estudantes do EM do campus Centro do CPII



Fonte: microdados da pesquisa (2019).

Os percentuais apontam variação na autoavaliação em cada disciplina, sendo que os resultados podem ser analisados considerando-se inicialmente as ciências humanas e sociais, de um lado, e as ciências exatas de outro. A maioria dos estudantes avaliam-se com alta capacidade em sociologia (57%), e uma proporção relativamente também substantiva (quase 40%) sentem-se com capacidade média na matéria. Em português já não se destaca o número de estudantes que se autoavaliam com capacidade alta. Entretanto, nestas duas matérias a grande maioria desses estudantes se situa entre capacidade alta ou média (em torno de 90%). Já nas disciplinas das áreas exatas, em Matemática e Física, estes estudantes mostram-se bem menos autoconfiantes. Em matemática 30% se autoavalia com alta capacidade, sendo que este nível de autoavaliação em física é considerado por apenas 19% desses estudantes. É também considerável a proporção de estudantes que se autoavalia com capacidade baixa nessas disciplinas (33% em matemática e 41% em física). Esses resultados indicam que as ciências exatas são de fato consideradas mais difíceis pelos alunos; disciplinas nas quais tendem a se achar menos capazes.

Ao realizar o cruzamento com a variável gênero por cada disciplina, foi possível ter a dimensão da diferença entre meninas e meninos. A tabela 12 apresenta a autoavaliação de capacidade por gênero na disciplina de Português:

Tabela 12 – Avaliação da capacidade na disciplina de Português segundo gênero de estudantes do EM do campus Centro do CPII

Autoavaliação de Capacidade em Português	Autoidentificação de gênero				Total	
	Feminino		Masculino			
	N	%	N	%	N	%
Baixa	16	10%	18	15%	34	12%
Média	72	45%	80	65%	152	54%
Alta	71	45%	25	20%	96	34%
Total	159	100%	123	100%	282	100%

N/R = 3

Fonte: microdados da pesquisa (2019).

Destaca-se na tabela 12 a diferença dos gêneros na autoavaliação de capacidade em português: 45% das meninas se avaliam com alta capacidade na matéria, enquanto apenas 20% dos meninos assim se situam. Entretanto, também é pequena a proporção de ambos os gêneros na autoavaliação de capacidade como baixa. Esses resultados já sugerem a tendência maior de identificação das meninas com as áreas humanas e sociais, o que também deve antecipar o seu interesse na área cultural.

A tabela 13 apresenta outra variável no campo das áreas humanas e sociais: a autoavaliação de capacidade por gênero na disciplina de Sociologia.

Tabela 13 – Avaliação da capacidade na disciplina de Sociologia segundo gênero de estudantes do EM do campus Centro do CPII

Autoavaliação de capacidade em Sociologia	Autoidentificação de gênero				Total	
	Feminino		Masculino			
	N	%	N	%	N	%
Baixa	4	2%	12	10%	16	6%
Média	47	30%	57	46%	104	37%
Alta	107	68%	54	44%	161	57%
Total	158	100%	123	100%	281	100%

N/R = 4

Fonte: microdados da pesquisa (2019).

A tabela 13 mostra que as meninas em grande maioria (68%) autoavaliaram seu rendimento como alto nesta disciplina, enquanto o percentual dos meninos que se autoavaliaram com alta capacidade nesta disciplina é bem menor (44%). Logo, nesse quesito, as diferenças de gênero não são tão acentuadas. Português e Sociologia estão representando aqui as áreas chamadas “soft” em que as meninas se destacam, o que prediz também o seu investimento na área cultural.

Focalizando agora as diferenças de gênero nas áreas exatas, ou “hard”, a tabela 14 apresenta a autoavaliação de capacidade por gênero na disciplina de matemática:

Tabela 14 – Avaliação da capacidade na disciplina de Matemática segundo gênero de estudantes do EM do campus Centro do CPII

Autoavaliação de capacidade em Matemática	Autoidentificação de gênero				Total	
	Feminino		Masculino			
	N	%	N	%	N	%
Baixa	67	42%	25	20%	92	33%
Média	61	39%	43	35%	104	37%
Alta	30	19%	55	45%	85	30%
Total	158	100%	123	100%	281	100%

N/R = 4

Fonte: microdados da pesquisa (2019).

Conforme a expectativa, pequena proporção das meninas (19%) se autoavalia com capacidade alta em matemática, enquanto uma proporção bem mais alta dos meninos assim se autoavaliam (45%). As diferenças proporcionais entre os gêneros nesta disciplina são maiores que as diferenças nas ciências humanas e sociais. Outra maneira de olhar os resultados, é considerando a autoavaliação de capacidade baixa; aí são as meninas que apresentam maiores proporções (42%), enquanto pequena proporção de meninos aí se situa (20%). Focalizando a autoavaliação de capacidade média, não se observa diferença entre os gêneros.

A tabela 15 apresenta a autoavaliação de capacidade por gênero na disciplina de Física.

Tabela 15 – Avaliação da capacidade na disciplina de Física segundo gênero de estudantes do EM do campus Centro do CPII

Autoavaliação de capacidade em Física	Autoidentificação de gênero				Total	
	Feminino		Masculino			
	N	%	N	%	N	%
Baixa	82	52%	34	28%	116	41%
Média	66	41%	46	37%	112	40%
Alta	11	7%	43	35%	54	19%
Total	159	100%	123	100%	282	100%

N/R = 3

Fonte: microdados da pesquisa (2019).

As diferenças de autoavaliação por gênero observadas na matemática, se acentuam quando se focaliza a disciplina de física. Apenas 7% das meninas se autoavaliam como tendo alta capacidade na matéria, enquanto 35% dos meninos assim se autoavaliam. Essas diferenças também podem ser comentadas observando-se a autoavaliação da capacidade baixa: a maioria das meninas avalia seu rendimento como baixo nesta disciplina (52%), enquanto uma proporção bem menor de meninos assim se autoavaliam (28%),

O conjunto desses resultados indica que o gênero dos estudantes se relaciona com a autoavaliação nas diferentes disciplinas, sugerindo a inserção de meninas e meninos em ambiente cultural diferenciado e que estereótipos de gênero podem atuar nessas percepções de capacidade diferenciada por gênero.

7.3 GÊNERO E ESCOLHA DE CARREIRAS PROFISSIONAIS

Apresenta-se o resultado de 3 variáveis, referentes às escolhas por carreiras profissionais dos jovens do EM do campus Centro do CPII. O interesse nessa análise surge a partir das questões ligadas aos mecanismos de segregação de gênero que operam no mundo social. Conforme visto, existem dois principais mecanismos de segregação: segregação horizontal e segregação vertical. Na segregação horizontal, o gênero feminino tem seu repertório de escolhas profissionais limitados aos estereótipos de gênero que impõem a essas pessoas arquétipos biológicos e um reforço de “inaptidões” para áreas consideradas duras. Nesse mecanismo, o gênero feminino é influenciado, por meio da autoestima, a desacreditar de suas habilidades e capacidades. Na teoria, ao gênero feminino seriam direcionadas profissões mais voltas para o cuidado e para o ensino e não para áreas de C&T. Nos resultados a seguir, será possível verificar se de fato esse mecanismo de segregação horizontal acontece. Na tabela 15, apresenta-se o índice de jovens que já ouviram que suas escolhas profissionais não foram adequadas segundo gênero.

Tabela 16 – Jovens que ouviram que a profissão que escolheram não é adequada segundo gênero de estudantes do EM do campus Centro do CPII

	Autoidentificação de gênero				Total	
	Feminino		Masculino			
	N	%	N	%	N	%
Nunca	42	27%	18	15%	60	21%
Raramente	56	35%	40	32%	96	34%
Às vezes	43	27%	43	35%	86	31%
Frequentemente	18	11%	22	18%	40	14%
Total	159	100%	123	100%	282	100%

N/R = 3

Fonte: microdados da pesquisa (2019).

Surpreendentemente, o percentual de pessoas de gênero masculino que já ouviram às vezes ou frequentemente que a profissão que escolheram não é adequada é maior do que o de pessoas de gênero feminino. Pelo contrário, os índices mostram que as estudantes ouvem menos esse tipo de julgamento. Isso pode significar um ponto positivo, mas também uma não percepção da presença da atuação de um mecanismo de segregação, que pode funcionar de modo mais sutil e silencioso. Em outras palavras, pode evidenciar um possível reflexo do

machismo, em que não é socialmente aceito ou esperado que as jovens sigam por profissões consideradas masculinas, como se implicitamente não fosse algo permitido. A tabela 16 apresenta o índice de jovens do EM do CPII que já pensaram em uma carreira profissional.

Tabela 17 – Jovens que pensaram em alguma carreira profissional segundo gênero de estudantes do EM do campus Centro do CPII

Carreira profissional que pensou	Autoidentificação de gênero				Total	
	Feminino		Masculino			
	N	%	N	%		
Sim	155	97%	116	95%	271	96%
Não	4	3%	6	5%	10	4%
Total	158	100%	122	100%	281	100%

N/R = 4

Fonte: microdados da pesquisa (2019).

Quase unanimemente os jovens responderam já terem pensado em alguma carreira profissional, mesmo que vagamente. Isso significa que os jovens da pesquisa já possuem uma primeira ideia do que desejam realizar após a finalização escolar. A partir desta informação é possível inferir que estes jovens estão cientes de que precisam optar por uma profissão e que esse pensamento é explícito nesse período decisivo da sua formação, que inclui os três anos do ensino médio. É também interessante observar que optar por uma profissão ocupa o pensamento de ambos os gêneros em proporções equivalentes, com leve predominância do gênero feminino, o que pode ser considerado um dado bastante positivo.

Na pesquisa, o passo seguinte foi questionar, de modo aberto, quais profissões estes estudantes haviam pensado seguir. O questionário obteve 82 profissões distintas como resposta dos 285 jovens participantes. Apenas 18 jovens não responderam à pergunta discursiva totalizando, 267 respostas e 82 profissões citadas, conforme consta no Anexo B.

Para analisar a diferenças das escolhas por gênero, apresentam-se, na Tabela 18, as profissões escolhidas pelos jovens, classificadas, para esta análise, em três grandes categorias que sintetizam e representam as oito principais áreas do conhecimento definidas pela Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES). As áreas Humanas e Sociais incluem, as carreiras mais tradicionais, como Letras, Arte, Administração, Direito e Arquitetura, além de carreiras mais típicas da contemporaneidade, como o Design e o Cinema. As áreas da Saúde e das Ciências Biológicas representam a formação em saúde física e mental,

como a Medicina, a Fisioterapia, a Psicologia. Nas áreas Exatas e Engenharias estão representadas as ciências exatas tradicionais, como a Física, a Química e a Matemática, e, também, as Engenharias e as Tecnológicas, como a Computação.

Tabela 18 – Categorias profissionais almeçadas pelos estudantes segundo gênero de estudantes do EM do campus Centro do CPII

Categorias profissionais pensadas pelos estudantes	Autoidentificação de gênero				Total	
	Feminino		Masculino			
	N	%	N	%	N	%
Humanas e Sociais	73	47%	50	44%	123	46%
Saúde e Ciências Biológicas	67	44%	32	28%	99	37%
Exatas e Engenharias	14	9%	31	28%	45	17%
Total	154	100%	113	100%	267	100%

N/R = 18

Fonte: Microdados da pesquisa (2019).

Percebe-se, na Tabela 18, a predominância de interesse dos jovens por profissões de cunho humano, social e biológico do que por profissões voltadas para áreas de C&T. A maior proporção dos jovens, de ambos os gêneros – de 44% a 47% pretende seguir carreiras profissionais relacionadas às áreas Humanas e Sociais. Já entre a Saúde e as Ciências Biológicas desta tabela, observa-se maior interesse por parte do gênero feminino – 44% da escolha por essas áreas é do gênero feminino, enquanto apenas 28% dos alunos do gênero masculino anteveem essas áreas como opção profissional. Mas é na escolha por profissões classificadas como C&T, que incluem as ciências exatas, engenharia e tecnologias em geral, que há maior diferença entre os gêneros. Essas profissões são almeçadas por 28% dos alunos do gênero masculino enquanto apenas 9% das alunas as veem como opção profissional.

Em síntese, Tabela 18 revela, inicialmente, um forte desinteresse pelas profissões ligadas à C&T. Esse desinteresse pode estar associado à falta de incentivo e práticas voltados para C&T durante a vivência escolar. Entretanto, as diferenças das escolhas por gênero sugerem que a baixa participação feminina, reflete a presença de aspectos socioculturais e psicológicos que forma estereótipos influenciando na divisão de carreiras por gêneros: mulheres seguem mais para Medicina, Psicologia, Direito e Ensino, profissões mais voltadas para o cuidado. Em

outras palavras, é possível identificar nas respostas a atuação de um mecanismo de segregação horizontal, em que mulheres seguem mais para áreas Humanas e Sociais e da Saúde e homens para áreas de C&T. Os detalhes das 82 profissões estão apresentados no Anexo B deste estudo.

8 CONSIDERAÇÕES FINAIS

A pesquisa teve como principal condutor a discussão de gênero na perspectiva da opção de carreiras em C&T por jovens na fase de finalização escolar. Discorreu-se sobre gênero em três ângulos de implicação: cultura, comportamento psicossocial (autoestima), e carreiras profissionais. Cada eixo inspirou uma série de reflexões e conclusões que serão apresentadas a seguir, em um exercício de síntese do trabalho. Essas considerações também podem ser lidas dividindo o trabalho em três fases: na fase sobre gênero e cultura, a discussão transita muito na atmosfera do mundo social e nas relações mais próximas que os indivíduos tem, a família; na fase sobre gênero e autoestima, a discussão permeia uma esfera mais intermediária em que a relação familiar é determinante, mas a escola começa a fazer parte da vida dos indivíduos e acentua os estereótipos na ativação de comportamento de sabotagem das suas capacidades em decorrência disso; por fim, na fase gênero e opção por carreiras, fica nítido como a escola fortalece a reprodução de um dos primeiros mecanismos de segregação de gênero, a segregação horizontal.

Na primeira perspectiva, foi importante “preparar o terreno” para o desenvolvimento dos debates conceituais que se seguiriam, apresentando gênero como conceito que transita entre determinismo biológico e construção social, a fim de buscar maior compreensão tanto para explicar o reforço de papéis atribuídos aos gêneros na sociedade quanto para apresentar um ponto de vista atual, progressista e necessário sobre gênero: algo socialmente construído e livre de determinismos essencialistas. Entende-se “livre” como um posicionamento dissociativo: sexo não define gênero. O ponto de convergência principal nessa questão é a importância do ambiente cultural na formação do indivíduo. Percebeu-se que no ambiente cultural (com o foco no ambiente familiar e nos ambientes de lazer) é onde os jovens adquirem as primeiras noções e assimilam os primeiros significados de falas, gestos e ações socialmente aceitos, além das imitações de performances em contextos específicos, como nos diz Judith Butler. A formação e interiorização do capital cultural pelos indivíduos, assim como circulação destes pelos ambientes culturais, reforçam desde os primeiros anos de idade a transmissão das questões ligadas a gênero, como nos lembra Pierre Bourdieu, o que nos leva a responder o primeiro objetivo específico da pesquisa: verificar a existência de relações entre gênero e ambiente cultural. Segundo os dados analisados é possível definir que algumas atividades e alguns comportamentos no ambiente cultural são influenciados pelas questões de gênero. A presença de gênero como movimento de influência dentro do mundo social é confirmada pelos dados da pesquisa, em que as jovens tendem a reproduzir o que McCall chama de capital cultural

feminino, como a responsabilidade por tarefas de cunho zeloso, como a dedicação aos cuidados da casa que envolvem a limpeza e a preparação de alimentos. Os dados também dão conta de responder à questão de pesquisa, quando apontam que o gênero feminino possui mais interesse na busca por determinados ambientes sociais, como os museus, que na cidade do Rio de Janeiro, onde se ambienta a pesquisa, há um razoável incentivo e democratização desse espaço. Mesmo as formas de acesso à cultura mais caras, como a compra de livros, despertam maior interesse no gênero feminino. Pode-se concluir, a partir dos dados da pesquisa, que, para além de gênero ser consolidado como questão indissociável à formação do *habitus* dos indivíduos e do insumo material para a construção de uma cultura de gênero, o gênero feminino possui maior esforço na circulação pelos ambientes culturais potencializadores de obtenção de capital cultural na sua forma mais materializada.

Vale destacar que o parágrafo anterior, em que se reflete a questão de gênero como parte da formação do *habitus* dos indivíduos na instituição de uma cultura de gênero, gira em torno da esfera familiar, onde se estabelecem as primeiras relações e influências. No âmbito familiar é que se atribuem os primeiros papéis de gênero para a cristalização de estereótipos. No entanto, é na escola que os estereótipos começam a se calcificar na jornada de indivíduos. A transmissão de estereótipos pela família, somada à ativação de gatilhos que influenciam no comportamento de sabotagem pelas adolescentes do gênero feminino, nos leva a refletir sobre gênero e autoestima. O objetivo específico desse eixo de análise foi identificar as relações existentes entre gênero e autoestima, referentes a habilidades em áreas acadêmicas. Com esses dados, foi possível observar uma percepção de baixa autoestima das estudantes em relação ao seu desempenho nas disciplinas exatas e maior autoestima em relação às disciplinas humanas. A autoestima funciona como um reflexo de comportamento psicossocial quando indivíduos são subestimados previamente, seja intencionalmente ou não, a cerca de suas próprias capacidades/habilidades e despertam gatilhos que ativam um sentimento sabotador de antecipação de desinteresse. O reforço consta dos estereótipos de gênero nos diversos ambientes do mundo social, ativando um sentimento de baixa autoestima que influencia/ afeta antecipadamente as escolhas das jovens e atrapalhando o seu desempenho. Assim como os estudos empíricos que sustentam essa argumentação, os dados da pesquisa demarcam o grau de autoestima das estudantes da pesquisa. Pode-se concluir que, de modo geral, os estudantes do ensino médio, que fizeram parte da pesquisa, tendem a perceber seu desempenho mais baixo em disciplinas Exatas e mais alto em disciplinas Humanas e Sociais, porém as estudantes do gênero feminino avaliam seu potencial como sendo muito mais baixo do que a autoavaliação feita pelos estudantes de gênero masculino em Física e Matemática, e o inverso aconteceu com Português

e Sociologia. Portanto, observa-se a atuação de ativação de sentimentos antecipados de desinteresse e até desistência por áreas de C&T, possivelmente pelo reforço dos estereótipos de gênero. Esses reforços estão na sub-representação de mulheres em diversos ambientes: na mídia, no mercado de trabalho, na academia, na cultura, entre outros.

Essa reflexão nos leva à resposta ao último objetivo específico. Se os estereótipos de gênero disparam gatilhos de afetação de comportamentos antecipados de desinteresse e desistência por carreiras voltadas para C&T, identifica-se a raiz da atuação de um dos primeiros mecanismos de segregação de gênero – a segregação horizontal. A escola é o ambiente no qual que os estereótipos ficam mais cristalizados e começam a fazer rodar os mecanismos de reprodução das desigualdades. Esses mecanismos são responsáveis por segmentar a opção de carreiras por gênero. A princípio, os dados analisados sugerem que os estudantes não costumam ter influências de outras pessoas (familiares principalmente) nas escolhas profissionais, embora estejam inteiramente conscientes de que precisam escolher por uma profissão. Pelo contrário, de início observa-se que os jovens do gênero masculino são mais questionados pelas suas escolhas. Infere-se que o gênero feminino pode não estar percebendo a presença da atuação do mecanismo de segregação horizontal sugerido pelas respostas à questão discursiva. A categorização das profissões por três classes principais (humanas e sociais, saúde e exatas) segmentadas por gênero, reforça uma divisão bastante nítida da tendência de escolha profissional de cada gênero: gênero feminino segue para áreas voltadas ao cuidado, ao zelo, ao bem-estar, à defesa e ao ensino; gênero masculino segue para áreas com foco nas engenharias, nas tecnologias e nos cálculos. A aparente atuação da segregação horizontal entre esses estudantes reforça a percepção de que os estereótipos contribuem para o fortalecimento do desinteresse e da desistência das jovens pela C&T. O desinteresse por áreas da C&T é alto tanto para estudantes de gênero feminino quanto para estudantes de gênero masculino, o que pode revelar um incentivo baixo por parte da escola e do próprio contexto social. Ações de divulgação científica nas escolas e oficinas de profissões voltadas para áreas de C&T podem estar ocorrendo com baixa frequência, contribuindo para trazer à tona um caráter universalista da ciência que ainda é hegemônico em determinados ambiente como no ensino superior de C&T nas universidades, por exemplo. O fato é que, mesmo sendo a falta de interesse pelas áreas de C&T alta dentre todos, é mais alta ainda entre estudantes do gênero feminino. Pode-se propor como iniciativa de disseminação das profissões de C&T nas escolas, palestras – hoje de modo online – de profissionais mulheres que se dedicaram s carreira de C&T e se desenvolveram dentro delas alcançando um patamar de prestígio, como foi o caso da Conferência Internacional sobre Gênero, Ciência, Tecnologia e Sociedade, organizada pelo grupo de pesquisa Gênero,

Ciência, Tecnologia e Sociedade, que trouxe a física Ângela Olinto, que lidera projetos espaciais na NASA, é decana do departamento Astronomia e Astrofísica da Universidade de Chicago e umas das maiores autoridades em física de partículas do planeta. Atividades como essa resultam em impactos que podem mudar a trajetória de jovens do gênero feminino que estão em fase escolar. Investir em feiras de ciência, incentivando estudantes a construir projetos de viés tecnológico para apresentar à comunidade escolar na obtenção de noção prática e teórica, também podem ser alternativas para disseminação de C&T nas escolas e ampliar o gosto por profissões desse segmento. Projetos externos em parceria com as escolas, principalmente o de universidades e demais polos de pesquisa de ponta, também podem provocar efeitos positivos no interesse por C&T entre jovens na fase escolar.

Por fim, pode-se concluir que gênero estabelece relação frutífera de aproximação com outros conceitos, importantes para enriquecer e formular respostas mais consistentes sobre questões necessária e prioritárias no mundo social, como a opção de gênero por carreiras de C&T. Essa aproximação entre conceitos foi bastante profícua para as discussões realizadas. Aspectos culturais, comportamentos psicossociais/ autoestima e questões profissionais ajudaram a compreender as nuances que os estereótipos de gênero exercem na jornada dos jovens que caminham para a vida adulta em um mundo desigual e competitivo, que usa de características conservadoras e universalistas para impor padrões e reproduções de desigualdades. Observa-se com este trabalho o percurso da construção de gênero, debitada como um problema ainda hoje, que perpassa a vida de indivíduos: primeiro como agente para a construção do ser social, dada pelo convívio com outros indivíduos no ambiente em que vive, ou seja, a internalização de um *habitus*; depois a transmissão dos estereótipos pela família e cristalização dos mesmos no ambiente escolar, espaço no qual esses estereótipos influenciam na autoestima, o que causa o desinteresse de mulheres por profissões de C&T; por fim, a segregação horizontal atua como realidade silenciosa e não perceptível na escolha profissional dos jovens.

Esta pesquisa tem uma série de limitações, tanto porque todo o conjunto de dados ainda não foi analisado quanto por que necessitaria de maior tempo para seu desenvolvimento. A questão de gênero, do ponto de vista teórico, poderá ser mais bem aprofundada e examinada – como foi proposto – em outra oportunidade. Questões importantes como o feminismo na luta por maior equidade na questão profissional e científica também foram pouco trabalhadas, pois foi entendido que os dados precisariam de maior suporte na questão das explicações dos mecanismos de reprodução de desigualdade. Também não foi discutida a questão a respeito do

mito da meritocracia sugerida pela opção universalismos e particularismo, que pode ser mais bem trabalhado em pesquisas futuras.

Os próximos passos concretos da pesquisa, possivelmente em uma pesquisa doutoral, se concentrarão em analisar indicadores que apresentem *gaps* mais detalhados acerca da transmissão de estereótipos ainda focados no ambiente familiar; mapear melhor a questão da autoestima desses jovens a partir de outras repostas do questionário de coleta de dados, por um prisma mais qualitativo, a fim de buscar entender como estes realmente se sentem fazendo parte de um ambiente de desigualdade de gênero; aprofundar a questão da influência na escolha por carreiras com base na família a partir da formação dos pais e questões específicas sobre influência nesse ambiente.

REFERÊNCIAS

- BAUMEISTER, R. F.; VOHS, K. D.; DEWALL, C. N.; ZHANG, L. Q. How emotion shapes behavior: Feedback, anticipation, and reflection, rather than direct causation. **Personality and Social Psychology Review**, v. 11, n. 2, p. 167-203, 2007.
- BOURDIEU, P. **Distinction**: a social critique of the judgement of taste. Cambridge, USA: Harvard University Press, 1984.
- BOURDIEU, P. **La domination masculine**. Paris: Seuil, 1998.
- BOURDIEU, P. Les trois états du capital culturel. **Actes de la recherche en sciences sociales**, Paris, n. 30, p. 3-6, 1979.
- BOURDIEU, P. The social space and the genesis of groups. **Theory and Society**, v. 14, n. 6, p. 723-744, 1985. Disponível em: <http://www.jstor.org/stable/657373>. Acesso em: 08 jun. 2020.
- BRASIL. Presidência da República. **Decreto Nº 9.255, 29 de dezembro de 2017**. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/ato2015-2018/2017/decreto/d9255.htm#:~:text=DECRETA%20%3A,Par%C3%A1grafo%20%C3%BAnico. Acesso em: 28 set. 2020.
- BRASIL. Lei nº 12.933, de 26 de dezembro de 2013. Dispõe sobre o benefício do pagamento de meia-entrada. **Diário Oficial da União: seção 1**, Brasília, DF, 26 dez. 2013.
- BUTLER, J. **Problemas de gênero: feminismo e subversão de identidade**. 20 ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2020.
- CARVER, C. S.; SCHEIER, M. F. Origins and functions of positive and negative affect: A control-process view. **Psychological Review**, v. 97, n. 1, p. 19-35, 1990.
- COLÉGIO PEDRO II. **Exposição memória histórica**. Rio de Janeiro, [2020]. Documento eletrônico. Disponível em: http://www.cp2.g12.br/images/comunicacao/memoria_historica/index.html#0. Acesso em: 13 mar. 2020.
- COLÉGIO PEDRO II. **História**. Rio de Janeiro, [2020a]. Documento eletrônico. Disponível em: http://cp2centro.net/?page_id=1686. Acesso em: 24 abr. 2020.
- COLÉGIO PEDRO II. **CPII em números**. Rio de Janeiro, [2020b]. Documento eletrônico. Disponível em: http://www.cp2.g12.br/proreitoria/prodi/cpii_numeros. Acesso em: 17 maio 2020.
- COLÉGIO PEDRO II. **CPII em números - perfil discente**. Rio de Janeiro, [2020c]. Documento eletrônico. Disponível em: <http://cp2.g12.br/images/comunicacao/2019/Nov/Perfil%20Discente%202018.pdf>. Acesso em: 17 maio 2020.

COLÉGIO PEDRO II. **Nota pública nº 01/2019 - desempenho do CPII na Prova Brasil.** Rio de Janeiro, [2020d]. Documento eletrônico. Disponível em: https://cp2.g12.br/atos_administrativos/9009-nota-p%C3%BAblica-n%C2%BA-01-2019-desempenho-do-cpii-na-prova-brasil.html. Acesso em: 17 maio 2020.

COLÉGIO PERDRO II. **Expansão do CPII.** Rio de Janeiro: CPII, [2020e]. Disponível em: https://www.cp2.g12.br/informes_progesp/83-cpii/1633-expans%C3%A3o-do-cpii.html#:~:text=O%20mais%20recente%20ciclo%20de,este%20%C3%BAltimo%20na%20Baixada%20Fluminense. Acesso em: 28 set. 2020.

CONSELHO NACIONAL DE DESENVOLVIMENTO CIENTÍFICO E TECNOLÓGICO. Bolsa por cota no país. **RN-017/2006.** Brasília, DF: CNPq, 2006. Disponível em: http://www.cnpq.br/view/-/journal_content/56_INSTANCE_0oED/10157/100352. Acesso em: 28 set. 2020.

DAVIES, P. G.; SPENCER, S. J.; QUINN, D. M.; GERHARDSTEIN, R. Consuming images: How television commercials that elicit stereotype threat can restrain women academically and professionally. **Personality and Social Psychology Bulletin**, v. 28. n 12, p. 1615-1628, 2002.

DE TILIO, R. Teorias de gênero: principais contribuições teóricas oferecidas pelas perspectivas contemporâneas. **Gênero**, Rio de Janeiro, v. 14, n.2, p.125-148, 2014.

ENDENDIJK, J. J.; GROENEVELD, M. G.; VAN BERKEL, Sheila R; HALLERS-HAALBOOM, Elizabeth T.; MESMAN; Judi; BAKERMANS-KRANENBURG, Marian J. Gender stereotypes in the family context: mothers, fathers, and siblings. **Sex Roles**, v. 68, p. 577–590, 2013. Disponível em: <https://doi.org/10.1007/s11199-013-0265-4>. Acesso em: 15 jul. 2020.

FOUCAULT, M. **Historie de la sexualité 1:** La volonté de savoir. Paris: Gallimard, 1976.

FUNDCÃO GETÚLIO VARGAS. Centro de políticas sociais. **Qual a faixa de renda familiar das classes?** Rio de Janeiro: FGV, 2014. Disponível em: <https://cps.fgv.br/qual-faixa-de-renda-familiar-das-classes>. Acesso em: 28 set. 2020.

INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICAS. Matérias especiais. **Indicadores sociais das mulheres no Brasil.** Rio de Janeiro: IBGE, 2018. Disponível em: <https://educa.ibge.gov.br/jovens/materias-especiais/materias-especiais/20453-estatisticas-de-genero-indicadores-sociais-das-mulheres-no-brasil.html>. Acesso em: 28 set. 2020.

INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICAS. Conheça o Brasil. População. **Cor ou raça.** Rio de Janeiro: IBGE, 2019. Disponível em: <https://educa.ibge.gov.br/jovens/conheca-o-brasil/populacao/18319-cor-ou-raca.html>. Acesso em: 28 set. 2020.

IRIGARAY, L. **The sex which is not one.** Ithaca: Cornell University Press, 1985.

LAQUEUR, T. **Inventando o sexo:** corpo e gênero dos gregos a Freud. Rio de Janeiro: Relume Duará, 2001.

- LETA, J. **Mulheres na ciência brasileira: desempenho inferior?** *Feminismos*, v. 2, n. 3, p. 139-152, set./dez. 2014. Disponível em: <file:///C:/Users/55219/Pictures/Saved%20Pictures/30039-106128-1-PB.pdf>. Acesso em: 15 out. 2020.
- LEVY, G. D.; HAAF, R. A. Detection of gender-related categories by 10-month-old infants. **Infant Behavior & Development**, v. 17, p. 457-459, 1994.
- LONG, J. S.; FOX, M. F. Scientific Careers: universalism and particularism. **Annu. Rev. Sociol.**, v. 21, p. 45-7, 1995.
- MCCALL, L. Does gender fit? Bourdieu, feminism, and conceptions of social order. **Theory and Society**, v. 21, p. 837-867, 1992.
- MELLERS, B. A.; MCGRAW, A. P. Anticipated emotions as guides to choice. **Current Directions in Psychological Science**, v. 10, n. 6, p. 210-214, 2001.
- MERTON, R. K. The normative structure of science. *In: The Sociology of Science*. Chicago: Univ. Chicago Press, 1942.
- MURPHY, M. C.; STEELE, C. M.; GROSS, J. J. Signaling threat: how situational cues affect women in math, science, and engineering settings. **Psychological Science**, v. 18, n. 10, p. 879-885, 2007.
- OCDE. **Report on the Gender Initiative: Gender equality in education, employment and entrepreneurship**. OCDE: Paris, 2011. Disponível em: <http://www.oecd.org/education/48111145.pdf>. Acesso em: 01 mar. 2020.
- OCDE. **Education at glance 2020: OECD Indicators**. OCDE: Paris, 2020. Disponível em: https://www.oecd-ilibrary.org/education/education-at-a-glance-2020_69096873-en. Acesso em: 20 abril 2021.
- OLINTO, G. Capital cultural, classe e gênero em Bourdieu. **Informare**, v. 1, n. 2, p. 24-36, jul./dez. 1995.
- OLINTO, G. A inclusão das mulheres nas carreiras de ciência e tecnologia no Brasil. **Inc. Soc.**, Brasília, DF, v. 5, n. 1, p.68-77, jul./dez. 2011.
- OLIVEIRA, J. R.; MELLO, L. C.; RIGOLIN; C. C. D. Participação feminina na pesquisa sobre tecnologia da informação no Brasil: grupos de pesquisa e produção científica de teses e dissertações. **Cadernos Pagu**, v. 58, p. 2-51, 2020. Disponível em: <https://www.scielo.br/pdf/cpa/n58/1809-4449-cpa-58-e205804.pdf>. Acesso em: 18. set. 2020.
- POULIN-DUBOIS, D.; SERBIN, L. A.; EICHSTEDT, J. A.; SEN, M. G.; BEISSEL, C. F. Men don't put on make-up: Toddlers' knowledge of the gender stereotyping of household activities. **Social Development**, v. 11, p. 166-181, 2002.
- QUADLIN, N. The mark of woman's: gender academic performance in hiring. **American Sociological Review**, n. 83, v. 2, p. 331-360, 2018.

QUINO, J. S. L. **Toda Mafalda**. Da primeira à última tira. São Paulo: Martins Fontes, 2012.

SANTOS, N. B. **Diferenças de gênero na apropriação das Tecnologias de Informação e Comunicação**: um olhar a partir do ambiente do Ensino Médio do Colégio Pedro II. 2019. 177 f. Tese (Doutorado em Ciência da Informação) - Universidade Federal do Rio de Janeiro, Escola de Comunicação. Instituto Brasileiro de Informação em Ciência e Tecnologia. Programa de Pós-Graduação em Ciência da Informação, 2019. Disponível em: https://ridi.ibict.br/bitstream/123456789/1017/1/Nadia_Doutorado_2019.pdf. Acesso em: 13 mar. 2020.

SCHUSTER, C.; MARTINY, S. E. Not Feeling Good in STEM: Effects of stereotype activation and anticipated affect on women's career aspirations. **Sex Roles**, v. 76, p. 40–55, 2017. Disponível em: <https://doi.org/10.1007/s11199-016-0665-3>. Acesso em: 15 jul. 2020.

SERBIN, L. A.; POULIN-DUBOIS, D.; COLBURNE, K. A.; SEN, M. G.; EICHSTEDT, J. A. Gender stereotyping in infancy: Visual preferences for and knowledge of gender stereotyped toys in the second year. **International Journal of Behavioral Development**, v. 25, p. 7-15, 2001.

SMITH, J. L.; LEWIS, K. L.; HAWTHORNE, L.; HODGES, S. D. When trying hard isn't natural: Women's belonging with and motivation for male-dominated STEM fields as a function of effort expenditure concerns. **Personality and Social Psychology Bulletin**, v. 39, n. 2, p. 131-143, 2013.

STEIL, A. V. Organizações, gênero e posição hierárquica: compreendendo o fenômeno do teto de vidro. *Revista de Administração*, São Paulo, v. 32, n. 3, p. 62-69, junho/julho 1997.

WITTIG, M. One is not born a woman. **Feminist Issues**, v. 2, 1981.

ANEXO A – QUESTIONÁRIO

Projeto de pesquisa do Programa de Pós-graduação em Ciência da Informação do IBICT-MCTIC/ECO-UFRJ sobre perspectivas profissionais do aluno do ensino médio

Nº do questionário: _____ . Hora de início: ____:____.

___/___/___
___/___ 2
___/___ 3

Sobre suas perspectivas profissionais

Você já pensou em uma carreira profissional, mesmo que vagamente?

() ¹Não () ²Sim Qual? _____.

___ 4
___/___ 5

Sobre suas perspectivas de carreira, você já realizou pesquisas na internet sobre:

- Informações sobre o ENEM () ¹Nunca () ²Raramente () ³Às vezes () ⁴Frequentemente
- Sobre cursos de graduação () ¹Nunca () ²Raramente () ³Às vezes () ⁴Frequentemente
- Empregos disponíveis () ¹Nunca () ²Raramente () ³Às vezes () ⁴Frequentemente
- Como fazer um currículo () ¹Nunca () ²Raramente () ³Às vezes () ⁴Frequentemente

___ 6
___ 7
___ 8
___ 9

Dentre as opções abaixo, você identifica qual é a principal influência nas suas opções profissionais (**marque apenas uma opção**):

- () ¹Mãe () ²Pai () ³Outro parente () ⁴Professor () ⁵Amigo/a
- () ⁶Profissional/Palestrante () ⁷Outro. Especifique: _____.

___ 10

Seus pais esperam alguma carreira profissional para você? () ¹Não () ²Sim Das opções abaixo, qual seria (**marque apenas uma opção**):

- () ¹Humanas e sociais (pedagogia, advocacia, psicologia, etc.)
- () ²Saúde (medicina, enfermagem, odontologia, fisioterapia, etc.)
- () ³Exatas (engenharia, tecnologia de informação, matemática, etc.)
- () ⁴Outras. Especifique: _____.

___ 12
___/___ 13

Sobre sua vivência escolar

Considerando a sua vivência neste colégio, você identifica alguma experiência ou atividade que tenha contribuído para você pensar na sua profissão?

() ¹Não () ²Sim Qual? _____.

___ 14
___/___ 15

Aproximadamente, quanto tempo você dedica, por semana, aos seus estudos em casa?

_____ horas: _____ minutos.

___/___ 16
___/___ 17

Como você avalia o seu desempenho no colégio?

- () ¹Baixo () ²Médio () ³Alto

___ 18

Como você avalia a sua capacidade nas seguintes disciplinas:

- Português: () ¹Baixa () ²Média () ³Alta
- Matemática: () ¹Baixa () ²Média () ³Alta
- Física: () ¹Baixa () ²Média () ³Alta
- Sociologia: () ¹Baixa () ²Média () ³Alta

___ 19
___ 20
___ 21
___ 22

Você acha que a capacidade para exercer uma profissão é basicamente inata, ou a pessoa pode adquirir essa capacidade?

___ 23

() ¹É inata () ²Pode ser adquirida

O quão ansioso/a você fica na hora de uma prova de matemática?

() ¹Nada () ²Um pouco () ³Bastante () ⁴Muito

24

Com que frequência você vai espontaneamente à biblioteca do colégio?

() ¹Quase nunca () ²Algumas vezes por ano () ³Uma vez por mês
() ⁴Várias vezes por mês () ⁵Várias vezes por semana

25

Sobre suas preferências e hábitos

Com que frequência você lê por vontade própria:

Revistas HQ- Quadrinhos

() ¹Menos de 1 vez no mês () ²Algumas vezes no mês () ³Algumas vezes na semana

26

Ficção (romances, narrativas, ficção científica)

() ¹Menos de 1 vez no mês () ²Algumas vezes no mês () ³Algumas vezes na semana

27

Não ficção (história, biografias)

() ¹Menos de 1 vez no mês () ²Algumas vezes no mês () ³Algumas vezes na semana

28

Jornais

() ¹Menos de 1 vez no mês () ²Algumas vezes no mês () ³Algumas vezes na semana

29

Mencione um autor de que você gosta: _____.

30

Com que frequência você vai a:

Cinema

() ¹Quase nunca () ²Algumas vezes no ano () ³Cerca de uma vez por mês () ⁴Mais de uma vez no mês

31

Teatro

() ¹Quase nunca () ²Algumas vezes no ano () ³Cerca de uma vez por mês () ⁴Mais de uma vez no mês

32

Museu

() ¹Quase nunca () ²Algumas vezes no ano () ³Cerca de uma vez por mês () ⁴Mais de uma vez no mês

33

Livraria

() ¹Quase nunca () ²Algumas vezes no ano () ³Cerca de uma vez por mês () ⁴Mais de uma vez no mês

34

Shows

() ¹Quase nunca () ²Algumas vezes no ano () ³Cerca de uma vez por mês () ⁴Mais de uma vez no mês

35

Você pratica algum esporte? () ¹Não () ²Sim Qual? _____.

36

Você já viajou para outros estados do país? () ¹Não () ²Sim

37

Para o exterior? () ¹Não () ²Sim

38

Aproximadamente, quanto tempo por dia você passa online: _____ horas: _____ minutos.

39

Quanto tempo por dia você se envolve nas seguintes atividades online:

Lê de notícias _____ horas: _____ minutos.

41

Joga videogames (jogos de computador) _____ horas: _____ minutos.

42

Participa em redes sociais _____ horas: _____ minutos.

43

Com que frequência você se envolve nas seguintes atividades online:

44

45

46

Escuta músicas e assiste filmes nas plataformas de streaming

()¹Ocasionalmente ()²Várias vezes por mês ()³Várias vezes por semana ()⁴Diariamente

_____ 47

Participa de movimentos coletivos

()¹Ocasionalmente ()²Várias vezes por mês ()³Várias vezes por semana ()⁴Diariamente

_____ 48

Na escola, você participa de algum coletivo?

_____ 49

()¹Não ()²Sim Qual/Quais? _____.

_____/____ 50

Há outros tipos de ação social de que você participa?

_____ 51

()¹Não ()²Sim Qual/Quais? _____.

_____/____ 52

Você já se sentiu excluído de alguma atividade ou de um grupo na escola?

_____ 53

()¹Não ()²Sim Qual foi o motivo? _____

_____/____ 54

Você costuma ouvir que algumas atividades profissionais são mais próprias para você do que outras?

()¹Nunca ()²Raramente ()³Às vezes ()⁴Frequentemente

_____ 55

Você concorda que se reivindique uma maior equidade entre homens e mulheres na sociedade?

()¹Não ()²Sim

_____ 56

Sobre sua vivência familiar e suas opiniões

Das tarefas domésticas abaixo, em quais você costuma ajudar em casa:

Lavar a louça

()¹Nunca ()²Raramente ()³Às vezes ()⁴Frequentemente

_____ 57

Fazer comida

()¹Nunca ()²Raramente ()³Às vezes ()⁴Frequentemente

_____ 58

Limpar a casa

()¹Nunca ()²Raramente ()³Às vezes ()⁴Frequentemente

_____ 59

Lavar a roupa

()¹Nunca ()²Raramente ()³Às vezes ()⁴Frequentemente

_____ 60

O quanto você concorda com as seguintes afirmativas?

É adequado que o homem cuide dos filhos e da casa para a mulher cuidar da sua vida profissional.

() ¹Discordo inteiramente () ²Tendo a discordar () ³Tendo a concordar () ⁴Concordo inteiramente

Certas profissões são mais adequadas para as mulheres e outras para os homens.

() ¹Discordo inteiramente () ²Tendo a discordar () ³Tendo a concordar () ⁴Concordo inteiramente

Certas características femininas tornam as mulheres mais vulneráveis no ambiente de trabalho.

() ¹Discordo inteiramente () ²Tendo a discordar () ³Tendo a concordar () ⁴Concordo inteiramente

As decisões mais importantes na família devem ser tomadas pelo homem.

() ¹Discordo inteiramente () ²Tendo a discordar () ³Tendo a concordar () ⁴Concordo inteiramente

A principal fonte de renda da família deve vir do homem.

() ¹Discordo inteiramente () ²Tendo a discordar () ³Tendo a concordar () ⁴Concordo inteiramente

Cuidar dos filhos é tarefa que deve ser compartilhada entre pai e mãe.

() ¹Discordo inteiramente () ²Tendo a discordar () ³Tendo a concordar () ⁴Concordo inteiramente

Algumas tarefas domésticas são naturalmente mais adequadas para as mulheres.

() ¹Discordo inteiramente () ²Tendo a discordar () ³Tendo a concordar () ⁴Concordo inteiramente

Cuidar dos filhos e da casa pode satisfazer plenamente a mulher.

() ¹Discordo inteiramente () ²Tendo a discordar () ³Tendo a concordar () ⁴Concordo inteiramente

Um ambiente hostil às mulheres pode afetar as escolhas profissionais delas.

() ¹Discordo inteiramente () ²Tendo a discordar () ³Tendo a concordar () ⁴Concordo inteiramente

Perguntas finais

Você faz cursos fora da escola? () ¹Não () ²Sim. De quê?

Pré-vestibular () ¹Não () ²Sim. de Idioma () ¹Não () ²Sim. Técnico ¹Não () ²Sim.

Outro () ¹Não () ²Sim. Qual/Quais? _____.

Você tem algum outro tipo de atividade regular fora do horário escolar? () ¹Não () ²Sim. De quê?

Jovem aprendiz () ¹Não () ²Sim. Bolsa PIC () ¹Não () ²Sim. Bolsa PIAC () ¹Não () ²Sim.

Estágio () ¹Não () ²Sim. Em negócio da família () ¹Não () ²Sim. Outro tipo? _____.

Sua mãe trabalha? () ¹Não () ²Sim. Em quê? _____.

Seu pai trabalha? () ¹Não () ²Sim. Em quê? _____.

Seus pais puderam completar até que nível de escolaridade?

	Mãe	Pai
¹ Sem instrução formal	()	()
² Fundamental – 1º ciclo	()	()
³ Fundamental – 2º ciclo	()	()
⁴ Médio	()	()
⁵ Superior	()	()
⁶ Pós-graduação	()	()

Em que ano você entrou no Pedro II? _____.

Qual é a sua opção de língua estrangeira? ()¹Inglês ()²Espanhol ()³Francês

Em que bairro você mora? _____.

____/____ 91

Qual o seu sexo/ gênero? _____.

____ 92

Como você autodeclara sua raça/etnia?

()¹Negra ()²Parda ()³Branca ()⁴Indígena ()⁵Amarelo

____ 93

Consideração 1: Você teria alguma sugestão para aumentar o interesse dos estudantes pela área científica?

_____.

____/____ 94

Verso →

Consideração 2: Você teria alguma sugestão para aumentar o interesse das mulheres pela área científica?

_____.

____/____ 95

Verso →

Consideração 3: Agradecemos seus comentários e críticas ao questionário:

_____.

____/____ 96

Verso →

Hora de término: ____:____. Data: ____/____/____.

____/____/____ 9

____ 98

____ 99

____/____ 100

____/____ 101

____/____ 102

Muito obrigada pela sua colaboração com a nossa pesquisa!

*

*

*

*

ANEXO B – CATEGORIZAÇÃO DAS PROFISSÕES

HUMANAS E SOCIAIS			SAÚDE E C. BIOLÓGICAS			EXATAS E ENGENHARIAS		
PROFISSÃO	F	M	PROFISSÃO	F	M	PROFISSÃO	F	M
Administração	1	0	Atleta	1	4	Bacharel em Química	1	1
Arquitetura	8	7	Bacharel em Biologia	4	1	Bacharel em Física	1	1
Artista Plástico/a	1	0	Biologia marinha	2	1	Biotecnologia	1	0
Artes Cênicas	2	2	Biomedicina	3	1	Ciência da Computação	0	1
Bacharel em História	1	2	Educação Física	2	3	Engenharia Ambiental e Sanitária	1	2
Bacharel em Letras	1	0	Enfermagem	1	0	Engenharia Civil	3	2
Ciências Sociais	1	0	Estética	1	0	Engenharia de Produção	1	1
Cinema	3	0	Farmácia	2	0	Engenharia Elétrica	0	2
Comissária de Bordo	1	0	Fisioterapia	1	1	Engenharia Geológica	1	0
Contabilidade	0	1	Gastronomia	2	2	Engenharia Mecânica	0	2
Defensor Público	1	0	Licenciatura em Biologia	0	2	Engenharia Nuclear	0	1
Delegacia	2	0	Medicina	27	12	Engenharias	4	8
Desembargador/a	0	1	Medicina veterinária	3	2	Engenheira Aeronáutica	0	2
Desenho Industrial	0	1	Nutrição	1	0	Engenharia de Petróleo e Gás	0	1
Designer de Animação	2	0	Odontologia	2	0	Engenheiro Química	0	1
Designer de moda	1	0	Psicologia	15	3	Física de Partículas	1	0
Designer gráfico	5	3				Licenciatura em Física	0	1
Diplomacia	2	2				Licenciatura em Matemática	0	2
Direito	11	5				Licenciatura em Química	0	1
Economia	1	7				Programação	0	1
Executivo	0	1				Tecnologia	0	1
Funcionário/a Público/a	1	0						
Geografia Ambiental	1	0						
Gestão Financeira	0	1						
Jornalismo	3	0						
Juiz/a	4	0						
Licenciatura em Geografia	2	0						
Licenciatura em História	2	1						
Licenciatura em Música	0	1						
Militar	1	1						
Música	2	2						
Policial Federal	1	4						

Professor/a	6	3						
Professora Primaria	1	0						
Promotoria	1	0						
Publicidade e Propaganda	0	1						
Relações Internacionais	3	3						
Tradução	1	1						
Total	73	50		67	32		14	31
Total	123			99			45	